



Arthur Schopenhauer

A ARTE DE INSULTAR

Organização e ensaio de Franco Volpi

Martins Fontes



Arthur Schopenhauer

A ARTE DE INSULTAR

Organização e ensaio de Franco Volpi

Tradução

EDUARDO BRANDÃO (italiano)

KARINA JANNINI (alemão)

A presente tradução foi revista pelo organizador

FRANCO VOLPI

Martins Fontes

São Paulo 2003

Titulo do original alemão: DIE KUNST ZU BELEIDIGEN.

Copyright © Verlag C. Il. Beck oHG, Munique, 2002.

Copyright © 2003, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,

São Paulo, para a presente edição.

Pedição julho de 2003

Tradução: EDUARDO BRANDÃO (italiano) e KARINA JANNINI (alemão)

O texto da presente edição foi submetido ao organizador da edição alemã, Franco Volpi.

Acompanhamento editorial

Luzia Aparecida dos Santos

Revisão gráfica

Renato da Rocha Carlos e Maria Regina Ribeiro Machado

Produção gráfica

Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schopenhauer, Arthur, 1788-1860.

A arte de insultar / Arthur Schopenhauer: organização e ensaio de Franco Volpi. — São Paulo: Martins Fontes, 2003.— (Breves encontros)

Título original: Die Kunst zu Beleidigen.

"Tradução: Eduardo Brandão (italiano) e Karina Jannini (alemão) Bibliografia.

ISBN 85-336-1803-4

1. Filosofia alemã 2. Schopenhauer, Arthur, 1788-1860, A arte de insultar — Crítica e interpretação I. Volpi, Franco. II. Título. III. Série.

03-3296 CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Schopenhauer: Filosofia alemã 193

Todos os direitos desta edição para o Brasil reservados à

Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 3301340 01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3105.6867

e-mail: info@martinsfontes.com.br <http://www.martinsfontes.com.br>

Um alfabeto de insolências de Franco Volpi

1. O insulto como "extrema ratio"

A presente *Arte de insultar* é o complemento ideal da *Arte de ter razão*, o primeiro dos pequenos tratados de Schopenhauer que tiramos de seus escritos póstumos¹. Concluindo aquele prontuário de estratégias inventados para se ter sempre razão, Schopenhauer reconhecia, entretanto o limite de toda técnica argumentativa: se discutirmos com um adversário mais inteligente e mais hábil do que nós, não haverá astúcia que resolva; no plano da dialética, não há escapatória, acabaremos fatalmente sendo derrotados. Isso não significa, todavia, que a partida esteja irremediavelmente perdida. De fato, resta um derradeiro, pérfido expediente, o trigésimo oitavo, que aconselha:

"Quando perceber que o adversário é superior e que você acabará por perder a razão, torne-se ofensivo, ultrajante, grosseiro, isto é, passe do objeto da contestação (dado que aí a partida está perdida) ao contendor e ataque de algum modo sua pessoa".² Como Schopenhauer acrescenta, e como é natural, "essa regra é muito popular, já que qualquer um é capaz de aplicá-la, e portanto é empregada com frequência"³.

Insultar será, pois, como a experiência cotidiana confirma, o término inevitável de nossas discussões. Mas Schopenhauer não vê com bons olhos esse resultado. Para ele, o melhor que há é tentar evitar de qualquer maneira ser arrastados a esse ponto, para o que oferece um par de sugestões práticas:

1) por exemplo, fazer-se de desentendido e ignorar os insultos do adversário; uma série de anedotas clássicas, por ele recolhidas com tal fim, mostram como os homens

¹ A. Schopenhauer, *L'arte di ottenere ragione*, Adelphi, Milão, 1991; ed. alemã *Die Kunst, Recht zu behalten*, Insel, Frankfurt a. M., 1995. [Trad. bras. Martins Fontes, São Paulo, 2001].

² A. Schopenhauer, *L'arte di ottenere ragione*, cit., p. 64.

³ *Loc. cit.* Trata-se de um expediente conhecido e praticado desde os tempos antigos: "De fato, como é que poderia não ser conhecido dos sofistas o meio com que um pode pôr-se em pé de igualdade com outro e com que é possível equilibrar momentaneamente até mesmo a maior desigualdade intelectual? Esse meio é a ofensa. Com efeito, a natureza baixa sente uma tendência totalmente instintiva para ela, mal adverte uma superioridade espiritual" (A. Schopenhauer, *Parerga und Paralipomena*, em *Siimtliche Werke*, ed. Arthur Hübsher, 7 vol., 34 ed., Brockhaus, Wiesbaden, 1972, vol. V-VI, aqui vol. V, p. 47).

sábios sabem manter a impassibilidade diante das ofensas e dos insultos mais irritantes⁴.

2) ou, melhor ainda, como Aristóteles já sugeria nas *Confutações sofisticas* e como nosso filósofo também recomenda, evitar discutir com o primeiro que aparecer ou com gente que fala só por falar (αδολεσχεν), à maneira dos sofistas, portanto escolher com clareza os interlocutores com os quais entabular seriamente controvérsias e discussões.

No entanto, como todos bem sabem, apesar de todas as cautelas, muitas vezes acabamos levados ao insulto pelos acasos da vida, inclusive quando menos gostaríamos. Em certas situações, é impossível recuar porque — explica Schopenhauer — quem insulta nos faz perder a honra, mesmo se for o "mais indigno canalha, o mais estúpido animal, um vagabundo, um jogador, um facadista". Portanto, "uma só grosseria supera qualquer argumentação e faz sombra a qualquer espiritualidade". Em outras palavras, como reza a máxima nº 4 da *Arte de se fazer respeitar*: "A vileza é uma qualidade que, nas questões de honra, supera e suplanta qualquer outra. Se, por exemplo, durante uma discussão ou um colóquio, outro demonstra um conhecimento de causa mais exato, um amor mais rigoroso à verdade e um juízo mais sadio que nós, ou uma superioridade intelectual qualquer que nos faça sombra, podemos logo eliminar essa e qualquer outra superioridade, para não dizer nossa própria inferioridade assim posta a nu, e por nossa vez sermos superiores, tornando-nos vis: uma vileza prevalece e leva a melhor sobre qualquer argumento e, a não ser que nosso adversário não replique com uma vileza ainda maior... somos nós os vencedores, a honra fica conosco, e a verdade, o conhecimento, o espírito e o engenho devem cair fora, derrotados e encurralados pela vileza."⁵

Trata-se então de não estarmos despreparados para tal caso.

2. Na escola da impertinência

Pois bem, embora injúrias, insolências e insultos de todo gênero jorrem com inesgotável espontaneidade da alma humana, em especial se esta for provocada, é infelizmente verdade que nem sempre nos vem à mente no momento exato o impropério mais bem-soante ou a ofensa mais pertinente. Às vezes o ultraje sofrido é tal

⁴ Cf. A. Schopenhauer, *L'arte di farsi rispettare*, Adelphi, Milão, 1998, pp. 71-4 [trad. bras. *A arte de se fazer respeitar*, Martins Fontes, 2003].

⁵ A. Schopenhauer, *L'arte di farsi rispettare*, cit., pp. 64-5.

que nos deixa, como se costuma dizer, "sem palavras". Assim, tal como na esgrima ou em qualquer outra técnica de ataque e defesa, para ser eficaz e alcançar seu objetivo, insultar também requer o aprendizado e, quem sabe, o treino. E se bem que o insulto seja geralmente associado à grosseria e à cólera, examinando melhor o assunto, saber lançar contra outrem a invectiva adequada, cientifica-mente estudada e oportunamente formulada, supõe uma verdadeira arte.

Mas qual? Onde encontrá-la? Como aprendê-la?

Schopenhauer é o escritor que nos socorre. Mais que qualquer outro, ele cultivou o gênero do insulto e, embora não tenha composto de verdade uma *Arte de insultar*, temos no entanto motivos válidos para considerar que tenha chegado bem perto disso.

O alfabeto de insolências que reunimos esmiuçando seus escritos editados e inéditos e que apresentamos aqui com o título de *A arte de insultar* é uma prova contundente disso.

3. Repensamentos: "escalada" e inevitável deriva

Em respeito à verdade, diga-se que Schopenhauer teria provavelmente visto com certo desgosto semelhante arte. Os estratagemas da *Arte de ter razão*, embora úteis e eficazes, já se lhe apresentavam, no fundo, como truques desonestos de que o homem, com seu mau-caratismo, se serve para levar a melhor sobre os outros, e precisa-mente por isso acabaram lhe dando náuseas, a tal ponto que renunciou a publicá-los⁶.

Um estado de espírito análogo teria se manifestado com maior razão no caso da *Arte de insultar*. O insulto é um meio vil e vulgar, e Schopenhauer detestava, do alto do seu espírito e da sua inteligência, rebaixar-se a esse plano. As razões da sua rejeição já resultam da lúcida definição que ele dá desse argumento: "A injúria, o simples insulto, é uma calúnia sumária, sem que sejam fornecidos seus motivos, o que poderia ser expresso assim em grego: *εστιη λοιδορια διαβολη συντομοζ* [o insulto é uma calúnia abreviada]... Sem dúvida nenhuma, quem insulta revela com isso, claramente, não poder fazer valer contra o outro nada de real ou de verdadeiro. Caso contrário, ele apresentaria tal argumento como premissa e faria tranqüila-mente os ouvintes tirarem suas conclusões. Já com a injúria, ele fornece a conclusão e fica devendo as premissas: quer

⁶ Cf. A. Schopenhauer, *L'arte di ottenere ragione*, cit., pp. 10-1.

dar a entender de tal modo que isso só acontece por amor à brevidade."⁷

Além disso, o insulto comporta o risco de uma perigosa "escalada", que Schopenhauer desaconselha vivamente deflagrar, até porque, "como diz Vincenzo Monti, as injúrias se parecem com as procissões religiosas: sempre voltam ao lugar de que partiram".

Apesar disso, Schopenhauer não renuncia a descrever tal escalada, e o faz com um mal disfarçado prazer, mesmo se para condená-la: "Se o adversário foi grosseiro, você deve superá-lo exatamente nesse campo; se já não for possível por meio dos insultos, poderá passar às vias de fato e encontrar, precisamente neste campo, uma solução para salvar sua honra. As bofetadas são reparadas pelas bengaladas, e estas pelas chicotadas. Contra estas últimas alguns recomendam, como excelente remédio, cuspir na cara. Só no caso em que não seja mais possível valer-se a tempo de tais meios, deve-se recorrer inevitavelmente a uma decisão sanguinária".⁸

Além disso, ele demonstra na *Arte de se fazer respeitar* ter-se interessado diretamente pelo assunto do ponto de vista jurídico, citando o estudo em três partes de Adolph Dietrich Weber, *Über Injurien und Schmihschriften* (Schwerin-Wismar, 1798-1800, com reedições em 1811 e 1820)⁹. De resto, dá para imaginar as circunstâncias que o levaram a tanto: algum problema pessoal, algum processo por injúria ou difamação ou, pior ainda, desventuras como a que lhe sucedeu quando maltratou uma costureira vizinha sua, uma tal de Caroline Marquet, pelo que, após uma série de processos que duraram bem uns cinco anos, foi condenado por *Realinjurie* a lhe pagar uma pensão vitalícia.

Como quer que seja, prescindindo-se desse passo em falso, para Schopenhauer "toda vileza é, na realidade, um apelo à animalidade, já que declara incompetente a contenda das forças intelectuais ou do direito moral, assim como a possibilidade de decidi-la mediante a argumentação, e põe em seu lugar a luta das forças físicas".¹⁰ Rebaixar-se a tal nível significa, em outras palavras, recorrer ao *direito do mais forte*.

⁷ A. Schopenhauer, *L'arte di farsi rispettare*, cit., p. 45, nota.

⁸ A. Schopenhauer, *L'arte di farsi rispettare*, cit., pp. 63-4.

⁹ A. Schopenhauer, *L'arte di farsi rispettare*, cit., p. 46.

¹⁰ *Ibid.*, pp. 65-6.

4. Schopenhauer, mestre de insultos

Apesar disso e embora não redigindo verdadeiramente uma *Arte de insultar*, em seus escritos Schopenhauer não desdenha lançar com mordaz sarcasmo invectivas, insolências e impropérios contra os mais diversos alvos. Ainda mais descaradas são as impertinências que se concedem nas glosas à margem dos livros que lê, divertimento de qualquer visitante da sua biblioteca no Arquivo de Frankfurt. Schopenhauer pode pois ser classificado, a justo título, como um dos campeões dessa arte.

Também poderíamos abrir uma digressão sobre as razões que alimentavam sua categórica impertinência: seu caráter sanguíneo e uma índole facilmente inflamável¹¹, a sua folgada independência econômica que lhe permitia a liberdade e a desfaçatez de juízo mais amplas, sua exclusão do aveludado ambiente universitário e a conseqüente intransigência para com os filósofos profissionais, largamente escarnecidos e vituperados no panfleto *Sobre a filosofia universitária*^{*}. De resto, com a idade, sua propensão ao insulto espalhou-se por toda parte. Tanto que o então maduro filósofo não hesitou em florescer de insolências até mesmo a memória *Sobre o fundamento da moral*^{**}, apresentada em 1840 ao concurso organizado pela Academia da Dinamarca. Esta última foi obrigada a censurar suas explosões incontidas ao expor a motivação oficial da não-atribuição do prêmio: o escrito, diz-se aí, não apenas não trata efetivamente do tema proposto, mas é além disso pouco respeitoso para com os principais filósofos da época (*plures recentioris aetatis summos philosophos tam indecenter commemorari, ut justam et gravem offensionem habeat*)¹².

5. O presente abecedário

Sentimo-nos, pois autorizados a reunir um florilégio dos melhores insultos que Schopenhauer dispara em todas as direções, em seus escritos editados e inéditos: contra a sociedade, o povo, as instituições, os colegas, as mulheres, o amor, o sexo, o casamento, os maus-tratos aos animais, as modas, as características nacionais, o gênero humano, a história, a vida — enfim, contra o universo inteiro. Reunimos esse insultos,

¹¹ Ler a esse respeito as interessantes observações grafológicas de Ludwig Klages, *Aufsätze über die Handschrift be-kannter Persönlichkeiten*, em *Siimtliche Werke*, vol. VIII, 1ª ed., Bouvier, Bonn, 1986.

^{*} Trad. bras. Martins Fontes, São Paulo, 2ª ed., 2001.

^{**} Trad. bras. Martins Fontes, São Paulo, 2ª ed., 2001. 12.

¹² Esse juízo está integralmente reproduzido em A. Schopenhauer, *Siimtliche Werke*, cit., vol. IV, p. 276.

cada um sob um título que põe em foco seu alvo, catalogando-os simplesmente por ordem alfabética.

A antologia que disso resultou constitui um verdadeiro abecedário de insolências, em que estão compreendidos:

1) os impropérios em sentido estrito, como os que lança contra os filósofos da sua época, sobretudo Hegel¹³;

2) sentenças e juízos que não são proferidos como injúrias, e sim como verdades sacrossantas, mas que têm o efeito de ofensas mesmo (no sentido de que "a verdade ofende"); nesse caso, o alvo predileto é o sexo frágil, para com o qual, no entanto, Schopenhauer atenuou sua intransigência, na velhice¹⁴;

3) afirmações e observações que Schopenhauer propõe como teses filosóficas, mas que a nossos olhos podem muito bem aparecer como mais insolências. Por exemplo, acaso não parece ao sadio bom senso, e a seu realismo, que se está çaçoando do mundo quando se diz, como faz Schopenhauer no início da sua obra-prima, que ele "é uma representação minha"? Do mesmo modo a outra célebre tese, de acordo com a qual "a vida oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio", acaso também não é um insulto ao milagre da existência?

Portanto são diferentes as reações emotivas que tais insolências suscitam no leitor e que variam de um extremo ao outro: do cômico, como no caso das invectivas contra a moda da barba ou contra os barulhos, especialmente os provocados pelo chicote dos cocheiros, que perturbam o pensar; ao trágico, por exemplo quando os maus-tratos aos animais e a vivissecação são objeto de desaprovação e de crítica.

¹³ As cópias das obras de Hegel conservadas na biblioteca pessoal de Schopenhauer são glosadas com pontos de interrogação, de exclamação, epítetos e contumélia de todo tipo. São célebres as orelhas de burro por ele desenhadas na margem do par. 293 da *Enciclopédia das ciências filosóficas*, com o comentário: "*Quelle bêtise!*" [Que besteira!]

¹⁴ Corrigindo tardiamente sua descarada misoginia, Schopenhauer teria confiado a uma amiga de Malwida von Meysenbug a seguinte retratação: "Ainda não disse minha última palavra sobre as mulheres: creio que a mulher, quando consegue destacar-se da massa, ou melhor, elevar-se acima dela, cresce ininterruptamente e mais que o homem, para o qual a idade estabelece um limite, enquanto a mulher se desenvolve sem cessar" (A. Schopenhauer, *Gesprache*, Frommann-Holzboog, Stuttgart-Bad Cannstatt, 1971, pp. 376-7. Se não for verdade, é um bom achado. Em todo caso, é um fato que a imagem pessimista da mulher que Schopenhauer cultivou a vida inteira vacilou após a idílica relação com a escultora Elisabeth Ney, que no outono de 1859 o visitou em Frankfurt para lhe fazer um busto. Sobre a "conversão" do velho Schopenhauer, remeto ao resumo meio sério, meio não, que escrevi com Wolfgang Welsch para o bicentenário de nascimento do filósofo: *Schopenhauers schwere Stunde*, em *Schopenhauer im Denken der Gegenwart*, org. Volker Spierling, Piper, Munique-Zurique, 1987, pp. 290-8.

Em todo caso, as insolências aqui reunidas se imprimem na nossa mente com a força do paradigma a ter presente e emular, mal a vida nos ofereça a oportunidade para fazê-lo.

A arte de insultar nos é portanto ensinada por Schopenhauer mais ou menos como nas antigas escolas se ensinava a ética: não no modo *docens*, isto é, mediante uma teoria abstrata, mas no modo *utens*, ou seja, com o exemplo e a prática.

Quanto ao fato de que confeccionando este almanaque teríamos imposto ao grande filósofo a tarefa pouco honrosa de nos dispensar tão vulgar ensinamento, não é o caso de se escandalizar em demasia. Aristóteles já afirmava que a indignação é uma virtude, constituindo um justo meio entre a indiferença e a raiva diante de um ultraje sofrido ou de uma injustiça recebida (*Ética a Nicômaco*, IV, 11). E o que melhor do que um bom insulto para exprimir a indignação? Nos dias de hoje, mesmo um espírito refinado como Borges, numa nota incluída na *História da eternidade*, descreveu de forma concisa os atributos da arte do insulto, na esperança de que mais cedo ou mais tarde alguém de fato compilasse uma.

Este Schopenhauer póstumo deveria alegrá-lo.

Edições de A. Schopenhauer utilizadas

Siimtliche Werke, org. por Paul Deussen, 13 vol., Piper, Munique, 1911-42.

Samtliche Werke, org. por Arthur Hübscher, 7 vol., 34 ed., Brockhaus, Wiesbaden, 1972; LP ed. revista por An-gelika Hübscher, Brockhaus, Mannheim, 1988.

Der handschnftliche Nachlaft ed. por Arthur Hübscher, 5 vol. em 6 tomos, Kramer, Frankfurt a. M., 1966-75; reprint Deutscher Taschenbuch Verlag, Munique, 1985; ed. italiana *Scritti postumi*, Adelphi, Milão, 1996.

Werke in fünf Banden, org. por Ludger Lütkehaus, Haff-mans, Zurique, 1988.

Gespräche, org. por Arthur Hübscher, Frommann-Holz-boog, Stuttgart-Bad-Cannstatt, 1971; trad. it. *Colloqui*, por Anacleto Verrecchia, Rizzoli, Milão, 1982.

A ARTE DE INSULTAR

A

Abolição da pena de morte

Aos que gostariam de aboli-la, deve-se responder: "Aboli primeiro o homicídio no mundo: depois podereis abolir a pena de morte também."

Abolição do latim

A abolição do latim como língua erudita universal e a introdução, em seu lugar, do espírito pequeno-burguês das literaturas nacionais são uma verdadeira desgraça para as ciências na Europa.

Abreviações

O *studium brevitatis* chega ao ponto de cortar a cauda ao diabo e escrever Mefisto em vez de Mefistófeles.

A Academia Dinamarquesa e seu objetivo

Se o objetivo das academias fosse o de reprimir a verdade tanto quanto possível, de sufocar a inteligência e o talento com todas as forças e de manter vigorosamente intacta a fama dos fanfarrões e charlatões, desta vez nossa Academia Dinamarquesa teria correspondido a tudo isso de maneira primorosa.

A Academia Dinamarquesa e suas contradições

Demonstrei irrefutavelmente que a Sociedade Real Dinamarquesa perguntou exatamente o que nega ter perguntado, e *não* perguntou o que afirma ter perguntado, aliás, que não podia sequer ter perguntado.

Os alemães — um povo metafísico

Um defeito constitutivo dos alemães é que eles procuram nas nuvens o que está bem diante do seu nariz. Quando se menciona perante eles a palavra *idéia*, que para um francês ou inglês possui um sentido claro e inequívoco, seus pensamentos parecem flutuar.

Os alemães — um povo pesado

O verdadeiro caráter nacional dos alemães é o *peso*: este se destaca no seu modo de caminhar, de agir, na sua língua, nos seus discursos, nas suas narrações, no seu modo de compreender e de pensar, mas muito particularmente no seu *estilo* literário, no prazer que sentem em produzir períodos longos, pesados e complicados, em virtude dos quais a memória precisa de cinco minutos para aprender sozinha e com paciência a lição que lhe é imposta, até que, ao final do período, a compreensão chega a uma conclusão e os enigmas são resolvidos. Deleitam-se com tudo isso e, se ainda for possível apresentar preciosismos, alguma verborragia e uma σεμνοτης [dignidade] afetada, o autor se regala: mas que o céu dê aos leitores a paciência para lê-lo.

Amigos

Os amigos se dizem sinceros; os inimigos o são.

Amigos da casa

Na maioria das vezes, os *amigos da casa* são chamados desse modo com razão, uma vez que são mais amigos da casa do que do dono, ou seja, assemelham-se mais aos gatos do que aos cachorros.

Amor

Trata-se de uma ilusão voluptuosa aquela que faz o homem crer que encontrará prazer maior nos braços de uma mulher, cuja beleza corresponde aos seus anseios, do que nos braços de outra, ou até mesmo aquela que o convence firmemente — se endereçada exclusivamente a um *único* indivíduo — de que possuir tal mulher lhe proporcionará uma felicidade efusiva.

Se olharmos [...] dentro do turbilhão da vida, perceberemos todos ocupados em

sanar a miséria e o flagelo que os atingem, empregando todas as suas forças para satisfazer as ilimitadas necessidades e evitar toda sorte de sofrimento, sem contudo poder esperar outra coisa além da preservação dessa existência atormentada e individual durante um curto período. No entanto, no meio desse tumulto, vemos os olhares de dois apaixonados se encontrarem ansiosos: mas por que será que parecem tão secretos, temerosos e furtivos? Porque esses apaixonados são os traidores que, às escondidas, visam perpetuar toda a miséria e os esforços que, do contrário, logo alcançariam um fim; um fim que querem impedir do mesmo modo como seus semelhantes o impediram anteriormente.

Amor em tempos de epidemia

A sífilis estende seus efeitos muito além do que poderia parecer à primeira vista, uma vez que constitui uma doença não apenas física, mas também moral. A partir do momento em que a aljava de Amor também passou a conter setas envenenadas, um elemento estranho, hostil e até mesmo diabólico entrou no relacionamento recíproco dos sexos e, conseqüentemente, o transpassou com uma desconfiança obscura e temerosa.

Amor espiritual

Diotima foi a mulher que ensinou a Sócrates a ciência do amor espiritual; e foi Sócrates, o divino Sócrates, que, para eternizar facilmente a dor do mundo, transmitiu à posteridade, por meio de seus discípulos, essa ciência funesta.

Amor humano

Ao pensar em descrever a dimensão do egoísmo com um trem, para poder exprimir a força dessa potência antimoral [o egoísmo] sem muitos pormenores, e, portanto, ao buscar uma hipérbole bastante enfática, cheguei por fim ao seguinte resultado: muitas pessoas seriam capazes de matar outras, simplesmente para poder engraxar as próprias botas com a gordura alheia. Mas restou-me o escrúpulo de duvidar se esta seria realmente uma hipérbole.

O amor pelos filhos

Como nos animais, o amor materno primitivo nos seres humanos é puramente

instintivo e, portanto, termina quando os filhos não precisam mais de cuidados físicos. [...] O amor do pai por seus filhos é de outra espécie e mais sólido: baseia-se no reconhecimento do seu eu mais íntimo nos filhos e, portanto, tem origem metafísica.

Amor sexual — no homem e na mulher

O homem tende, por natureza, à inconstância no amor; a mulher, à constância. O amor do homem diminui sensivelmente tão logo é satisfeito: quase todas as outras mulheres o excitam mais do que aquela que ele já possui, por isso sente a necessidade de variar. Em contrapartida, o amor da mulher aumenta justamente a partir desse momento. Isso constitui uma consequência do objetivo da natureza, que visa conservar a espécie e, portanto, multiplicá-la o máximo possível. Com efeito, o homem pode comodamente gerar mais de cem crianças em um ano se tiver à disposição outras tantas mulheres; já a mulher poderia, por mais homens que tivesse, dar à luz apenas um filho por ano (exceto no caso de gêmeos). Por essa razão, *o homem* está sempre à procura de novas mulheres, enquanto *estas* prendem-se firmemente a apenas um homem: pois a natureza as leva a conservar, instintivamente e sem reflexão, aquele que nutrirá e protegerá a futura prole.

Os aperfeiçoadores do mundo

Quem veio ao mundo para instruí-lo seriamente e nas coisas importantes, pode dizer-se feliz quando consegue salvar a própria pele.

Após o apogeu de Kant

Ao apogeu de Kant, seguiu-se imediatamente na filosofia alemã um período em que os filósofos se esforçaram para impressionar em vez de convencer; em vez de serem precisos e claros, tentaram ser brilhantes e hiperbólicos, mas sobretudo incompreensíveis; e chegaram ao ponto de fazer intrigas em vez de buscar a verdade. Sendo assim, a filosofia não pôde progredir. Finalmente toda essa escola e seu método entraram em falência. Pois em Hegel e em seus companheiros o atrevimento das escrivinhações de disparates, de um lado, e a dos panegíricos sem escrúpulos, de outro, além da premeditação evidente de toda essa intriga, atingiram dimensões tão colossais que, por fim, todos tiveram de abrir os olhos para o charlatanismo, e quando, como resultado de certas revelações, foi retirada a proteção do alto, também tiveram de abrir

a boca. Essa filosofice, que é a mais miserável de todas as outras existentes, arrastou consigo ao abismo do descrédito seus antecedentes Fichte e Schelling. Com isso, revela-se a total incompetência filosófica da primeira metade do século que seguiu a Kant na Alemanha, enquanto os estrangeiros assistem à glorificação do talento filosófico dos alemães — sobretudo depois que um escritor inglês teve a ironia maldosa de chamá-los de povo de pensadores.

Na filosofia kantiana, fala-se muito do uso *imanente* e *transcendente*, bem como da validade dos nossos conhecimentos: certamente nossos filósofos trocistas não conseguiriam lidar com as mesmas distinções perigosas. No entanto, bem que gostariam de ter as mesmas expressões, pois elas soam muito eruditas. Sendo assim, uma vez que sua filosofia tem sempre como objeto principal apenas o querido Deus, que portanto também aparece como um bom e velho conhecido que dispensa apresentações, esses filósofos trocistas usam aquelas expressões a ponto de discutir se Deus encontra-se dentro do mundo ou permanece fora dele, ou seja, num espaço em que não há mundo: no primeiro caso, intitulam-no *imanente* e, no outro, *transcendente*, naturalmente demonstrando sua máxima seriedade e erudição, acrescentando jargão hegeliano e desfrutando do seu passatempo preferido. A esse propósito, nós, pessoas já de uma certa idade, lembramo-nos das gravuras no almanaque satírico de Falk, que representa Kant dentro de um balão no céu jogando todas as suas peças de roupa, além de chapéus e perucas, para o chão, onde macacos as recolhem e com elas se adornam.

Todos os filosofastros e visionários, com F. H. Jacobi à frente dos delatores de ateus, correram para aquela portinhola que se lhes tinha sido aberta inesperadamente, para levar suas coisinhas ao mercado ou pelo menos para salvar a parte que lhes era mais cara daquela velha herança que a doutrina de Kant ameaçava destruir. Do mesmo modo como, na vida do solteiro, um *único* erro de juventude costuma ser suficiente para arruinar uma existência inteira, o único erro de Kant, ou seja, o de ter admitido uma razão prática, dotada de um crédito inteiramente transcendente e capaz de decidir "sem provas", como os sumos tribunais de apelação, bastou para que daquela rigorosa e sábia filosofia crítica derivassem as teorias mais heterogêneas, as teorias de uma razão que "pressente" timidamente o "sobrenatural", depois o "reconhece" com clareza e, por fim, o "intui intelectualmente" de maneira concreta. A partir desse momento, todo visionário pode afirmar suas fantasias como sentenças e revelações "absolutas", ou seja, emitidas *ex tripode*, dessa razão. Esse novo privilégio foi utilizado honestamente. Em tal fato reside, portanto, a origem daquele método filosófico surgido imediatamente após a

doutrina de Kant e que consiste em mistificar, impressionar, enganar, em jogar areia nos olhos e em lograr, e cuja época será um dia designada como o "período da deslealdade" na história da filosofia. Pois já não existe o *caráter da honestidade* e da investigação em comum com o leitor, contido nos textos de todas as filosofias anteriores. O filosofastro dessa época não quer mais instruir seu leitor, mas enganá-lo: é o que comprova cada página. Como heróis desse período brilham Fichte e Schelling, mas por fim também o charlatão grosseiro e vulgar chamado Hegel, que é totalmente indigno desses homens de talento e se mostra muito inferior a eles. Vários professores de filosofia fizeram coro em volta deles e, com expressão severa, falaram a seu público do infinito, do absoluto e de muitas outras coisas das quais simplesmente não podiam saber nada.

Aquisição de livros

Seria bom comprar livros se, junto com eles, fosse possível comprar também o tempo para lê-los, mas na maioria das vezes troca-se a compra dos livros pela aquisição do seu conteúdo.

Astrologia

Uma prova grandiosa da *subjetividade* deplorável dos homens, em decorrência da qual eles referem tudo a si mesmos e de todo pensamento retrocedem imediata e diretamente a si, nos é fornecida pela astrologia, que relaciona o curso dos grandes corpos celestes ao indivíduo mesquinho, bem como os cometas no céu às querelas e trapaças terrenas.

Atores

Minha longa experiência pessoal levou-me a presumir que a loucura aparece com frequência desproporcionalmente maior nos atores. Pudera! Qual não é o abuso que fazem da própria memória! Todos os dias devem ora decorar um papel, ora relembrar um antigo: no entanto, esses papéis não são ligados por um contexto, ao contrário, estão sempre em contradição e em contraste uns com os outros, de modo que toda noite o ator tem de se esforçar para se esquecer por completo e ser um outro, totalmente diferente. Uma vida como essa leva-os diretamente para a loucura.

Avidez por conhecimento e curiosidade

O desejo de se instruir, quando direcionado para o universal, chama-se *avidez por conhecimento*; quando direcionado para o particular, chama-se *curiosidade*. Os rapazes geralmente mostram avidez por conhecimento; as mocinhas, mera curiosidade, porém num grau surpreendente e, muitas vezes, com uma ingenuidade repugnante.

B

Baader

Há diversos tipos de filósofos, abstratos e concretos, teóricos e práticos: mas esse Baader é insuportável.

A barba

A barba, por ser quase uma máscara, deveria ser proibida pela polícia. Além disso, enquanto distintivo do sexo em meio ao rosto, ela é *obscena*: por isso é apreciada pelas mulheres.

Dizem que a barba é natural ao homem: não há dúvida, e por isso ela é perfeitamente adequada ao homem no estado natural; do mesmo modo, porém, no estado civilizado é natural ao homem fazer a barba, uma vez que assim ele demonstra que a brutal violência animalesca — cujo emblema, percebido imediatamente por todos, é aquela excrescência de pêlos, característica do sexo masculino — teve de ceder à lei, à ordem e à civilização. A barba aumenta a parte animalesca do rosto e a ressalta. Por essa razão, confere-lhe um aspecto brutal tão evidente. Basta observar um homem barbudo de perfil enquanto ele come! Este pretende que a barba seja um *ornamento*. No entanto, há duzentos anos era comum ver esse ornamento apenas em judeus, cossacos, capuchinhos, prisioneiros e ladrões. A ferocidade e a atrocidade que a barba confere à fisionomia dependem do fato de que uma massa respectivamente *sem vida* ocupa a metade do rosto, e justamente aquela que expressa a moral. Além disso, todo tipo de pêlo é animalesco.

Olhai ao vosso redor! O sintoma externo da brutalidade cada vez mais crescente pode até mesmo ser reconhecido como o elemento que constantemente a acompanha — a barba longa, esse distintivo sexual em meio ao rosto, dizendo-nos que à *humanidade* prefere-se a masculinidade. Esta nos coloca em pé de igualdade com os animais, uma vez que leva o indivíduo a querer ser antes de tudo um *macho*, *mas*, e

somente depois um *homem*. Em todas as épocas e em todos os países civilizados, o costume de barbear-se derivou da noção correta do contrário, motivo pelo qual se pretendia sobretudo ser um *homem*, de certo modo um homem *in abstracto*, sem levar em conta a diferença animalesca do sexo. Em contrapartida, o comprimento da barba sempre acompanhou *pari passu* a barbárie, assemelhando-se a esta inclusive no nome.

As belas cruéis

Um homem que ama sem esperança sua bela cruel pode compará-la, epigramaticamente, a um espelho côncavo, visto que este, como a mulher amada, brilha, incendeia e consome, mas ao mesmo tempo permanece frio.

Bem-aventurança

Existe apenas um *único* erro inato, que é o de acreditarmos que vivemos para sermos felizes.

Toda satisfação, ou o que em geral se chama de felicidade, é sempre e apenas *negativa* em sua essência, nunca positiva.

Tudo na vida demonstra que a felicidade terrena é destinada a ser reconhecida como malograda ou como uma ilusão.

Bibliotecas

Assim como os estratos da Terra conservam em série os seres vivos de épocas passadas, as prateleiras das bibliotecas conservam em série os erros passados e suas exposições que, como aqueles seres, eram muito vivos em sua época e faziam muito barulho, mas agora encontram-se rígidos e petrificados nos locais em que apenas o paleontólogo literário os examina.

C

Os carroceiros que estalam seus chicotes

Não posso deixar de denunciar o estalo verdadeiramente infernal dos chicotes nas vielas rumorosas das cidades como o barulho mais irresponsável e vergonhoso de todos, que rouba da vida toda tranqüilidade e concentração. Nada me dá uma idéia tão clara da obtusidade e da inadvertência dos homens do que a permissão de chicotear. Esse estalo repentino e agudo, que paralisa o cérebro, despedaça e mata qualquer pensamento, deve ser sentido dolorosamente por todos os que tenham dentro da própria cabeça qualquer coisa que se assemelhe a um pensamento: portanto, perturba centenas de pessoas em suas atividades intelectuais, por mais simplórias que sejam, e mais ainda o pensador, em cujas meditações penetra de maneira tão dolorosa e funesta como a espada do carrasco, que separa a cabeça do tronco. Nenhum som fere o cérebro de modo tão cortante quanto esse maldito estalo de chicote. Chega-se a sentir a ponta do chicote batendo no cérebro, no qual age como o toque da mão na *mimosa pudica*, e até por mais tempo. Com todo o respeito pela sacrossanta utilidade, não consigo entender por que um serviçal que conduz uma carroça com areia ou esterco deva receber o privilégio de sufocar o germe de todo pensamento em ascensão no cérebro de dez mil cabeças sucessivamente (meia hora ao longo das ruas da cidade). Marteladas, latidos e gritos de crianças são horríveis, mas o único e verdadeiro assassino de pensamentos é o estalo de chicotes. Parece ter sido criado exclusivamente para triturar todos os momentos bons e de reflexão que vez por outra alguém consegue ter. [...] Esse maldito estalar de chicotes não só é desnecessário, como chega a ser inútil. O efeito psíquico desejado nos cavalos, devido ao hábito causado pelo abuso contínuo de tal recurso, diminui e acaba perdendo totalmente seu objetivo: os cavalos não apressam o passo com o estalar do chicote. [...] Supondo-se, porém, que fosse imprescindível usar tal som para lembrar constante-mente os cavalos da presença do chicote, basta-riam estalos cem vezes mais fracos, pois é sabido que os animais são capazes de perceber até os sinais mais silenciosos, quase imperceptíveis, tanto pela audição quanto pela visão. Os

cães adestrados e os canários são exemplos surpreendentes dessa constatação. Por conseguinte, estalar chicotes representa um puro arbítrio, ou até mesmo um escárnio insolente por parte dos trabalhadores braçais em relação aos intelectuais. Tolerar semelhante infâmia nas cidades é uma barbárie grosseira e uma injustiça; tanto mais quanto seria até mesmo fácil eliminar, por decreto policial, um nó na ponta de cada chicote. Não há mal nenhum em chamar a atenção dos proletários para o trabalho intelectual realizado pelas classes que lhe são superiores, pois estes temem o trabalho intelectual mais do que tudo. Nem todos os filantropos do mundo, com todas as assembléias legislativas, que por boas razões são contra as punições corporais, poderão me convencer de que um serviçal, que cavalga pelas ruas estreitas de uma cidade muito populosa, conduzindo livremente cavalos do correio ou montando um cavalo de carroça desatado, ou até mesmo que caminha ao lado dos animais, estalando incessantemente e com toda a sua força o seu longuíssimo chicote, não mereça ser obrigado a desmontar imediatamente para receber cinco bastonadas bem dadas. [...] Terá o intelecto pensante de ser o único a nunca experimentar a menor consideração, nem a menor proteção, menos ainda respeito, em prol desse cuidado tão generalizado com o corpo e de todas as formas de contentá-lo? Carroceiros, carregadores, pessoas ociosas que ficam nas esquinas e similares são os animais de carga da sociedade humana; devem, sem dúvida, ser tratados humanamente, com justiça, benevolência, indulgência e cuidado: mas não lhes deve ser permitido que, com o rumor insolente que produzem, tornem-se um impedimento às aspirações elevadas do gênero humano. Eu gostaria de saber quantos grandes e belos pensamentos já foram banidos do mundo pelo estalar desses chicotes. Se eu fosse um dirigente, criaria na cabeça dos carroceiros um *nexus idearum* [nexo de idéias] indestrutível entre estalar chicotes e receber bastonadas.

Os cartesianos e a consciência dos animais

Se um cartesiano se encontrasse entre as garras de um tigre, entenderia com toda a clareza qual a diferença precisa que este faz entre o seu eu e o seu não-eu.

O casamento

O sexo feminino exige e espera do masculino tudo, exatamente tudo o que deseja e de que necessita. O masculino exige do feminino, em primeiro lugar e imediatamente, uma única coisa. Por essa razão, foi necessário estabelecer a convenção de que o sexo masculino só pode obter do feminino aquela única coisa se, em troca, cuidar de todas as

outras, além dos filhos nascidos da união. Nessa convenção baseia-se o bem-estar de todo o sexo feminino.

O objetivo do matrimônio não é a distração arguta, mas a criação dos filhos: esta constitui uma união dos corações, não das mentes. Quando as mulheres afirmam terem se apaixonado pela inteligência de um homem, fazem uma asserção vaidosa e ridícula ou demonstram ter um caráter exageradamente degenerado.

Casar-se apenas "por amor" e não ter de se arrepender muito cedo, ou melhor, casar-se de maneira geral significa colocar a mão dentro de um saco sem ver o que há dentro dele e esperar tirar uma enguia de um emaranhado de serpentes.

No nosso continente monogâmico, casar-se significa abdicar de metade dos direitos e duplicar os deveres.

Casar-se significa fazer o possível para sentir repugnância um do outro.

Casamentos felizes são notoriamente raros.

As leis matrimoniais européias assumem a mulher como equivalente do homem; partem, portanto, de um pressuposto errado.

Casamento por amor

Os matrimônios por amor são contraídos no interesse da espécie, não no do indivíduo. Embora as partes iludam-se em buscar a própria felicidade, seu verdadeiro objetivo é estranho a elas próprias, uma vez que ele se encontra na geração de um indivíduo que, por sua vez, só é possível pela geração. Reunidos por esse objetivo, devem tentar doravante entender-se da melhor forma possível. Porém, muitas vezes o casal, unido por aquela ilusão instintiva que constitui a essência da paixão amorosa, será de resto de natureza completamente heterogênea. Tal fato se faz notar quando a ilusão desaparece, como é inevitável que ocorra. Por conseguinte, os casamentos contraídos por amor são, em regra, infelizes: com efeito, providenciam a geração futura à custa da presente. *Quien se casa por amores, ha de vivir con dolores* (Quem se casa por amor, há de viver com dor), diz o provérbio espanhol.

Ao se contrair matrimônio, a impressão que se tem é de que ou o indivíduo, ou o interesse da espécie tenha de ser prejudicado. Na maioria das vezes, é assim que ocorre, pois é uma sorte raríssima que a conveniência e a paixão amorosa andem de mãos dadas.

Cátedras

De modo geral, a forragem das cátedras é a mais adequada para os ruminantes. Em contra-partida, os que recebem sua presa das mãos da natureza encontram-se melhor em liberdade.

Os catedráticos

É preciso considerar que, devido ao ensino catedrático contínuo e aos textos a serem escritos, muitos eruditos dispõem de pouco tempo para aprofundar seus estudos. A expressão *docendo disco* [ensinando, aprendo] não é necessariamente verdadeira, ao contrário, chegou a ser parodiada: *semper docendo, nihil disco* [ensinando sempre, não aprendo nada]; e não é de todo infundado o que Diderot faz o sobrinho de Rameau dizer: "E esses mestres, achais que eles entendem as ciências que ensinam? Pura farsa, caro senhor, pura farsa. Se tivessem conhecimento suficiente para ensiná-las, não as ensinariam." — "E por quê?" — "Porque passariam a vida a estudá-las."

Cavaleiros

A cavalaria como forma de vida social baseia-se inteiramente num emaranhado de costumes grosseiros e vaidosos, com suas fanfarrices elaboradas com pedantismo e sistematização, com sua superstição degradante e uma veneração pelas mulheres digna de macacos, da qual um resíduo ainda hoje existente, sob a forma de galanteria, é pago com a bem-merecida arrogância feminina, dando a todos os asiáticos motivo constante para rir dos europeus, como também teriam rido os gregos. Na áurea Idade Média, tais maneiras chegavam a se traduzir num serviço formal e metódico prestado às mulheres, com feitos heróicos impostos por elas, *cours d'amour*, poesias trovadorescas empoladas etc. Entretanto, é preciso notar que esses últimos disparates, que de resto possuem seu lado intelectual, eram comuns sobretudo na França, enquanto em relação aos obtusos e materialistas alemães os cavaleiros se distinguiam mais pela embriaguez e pelos roubos: canecas de bebida e assaltos a castelos eram seus assuntos prediletos. Nas cortes, porém, não faltavam trovadores enfadonhos.

O centro do universo

Se todo indivíduo pudesse escolher entre o seu próprio aniquilamento e o do resto do mundo, não preciso dizer para que lado, na maioria dos casos, penderia a balança.

Conforme essa escolha, cada um faz de si o centro do universo, refere tudo a si mesmo e considera primeiramente tudo o que acontece — por exemplo, as maiores mudanças no destino dos povos — do ponto de vista do *seu* interesse. Ainda que este seja muito pequeno e re-moto, é nele que pensa acima de tudo. Não existe contraste maior do que aquele entre a alta e exclusiva divisão, que cada um faz em seu próprio eu, e a indiferença com a qual, em geral, todos os outros consideram aquele eu, bem como o primeiro faz com o deles. Chega a ter seu lado cômico ver os inúmeros indivíduos que, pelo menos no aspecto prático, consideram-se exclusivamente *reais* e aos outros, de certo modo, como meros fantasmas. [...] O único universo que todos realmente conhecem e do qual têm consciência é aquele que carregam consigo como sua representação e que, portanto, constitui seu centro. É justamente por isso que cada um é em si mesmo tudo em tudo.

O cérebro

O cérebro é o parasita ou o pensionista do organismo inteiro.

Charutos

O charuto é para o homem limitado um substituto oportuno dos pensamentos.

Os chineses

Os chineses são capazes de conceber apenas um governo monárquico: não entendem o que seria uma república. Quando, no ano de 1658, esteve na China uma legação holandesa, esta se viu obrigada a apresentar o príncipe d' Orange como o seu rei, pois, do contrário, os chineses tenderiam a considerar a Holanda como um ninho de piratas que viviam sem um líder.

Clio, a musa da ciência histórica

Clio, a musa da história, apresenta-se tão infectada por mentiras como uma prostituta por sífilis.

Coito e gravidez

O coito é um assunto que cabe sobretudo aos homens, enquanto a gravidez pertence

inteiramente à mulher.

A comédia do mundo

Do mesmo modo como é próprio do instinto das abelhas construir celas em comunidade e uma colméia, nos homens dever-se-ia supor o instinto de representar em conjunto uma grande comédia rigorosamente moral, em que seríamos as marionetes e nada além disso; porém, com a importante diferença de que a construção da colméia é de fato levada a cabo, enquanto a comédia moral do mundo cede lugar à representação de algo altamente imoral.

A concepção judaica da natureza

Obviamente chegou a hora de a concepção judaica da natureza na Europa, pelo menos no que diz respeito aos animais, conhecer um fim, e de *o ente eterno, que vive em todos os animais tanto quanto em nós*, ser reconhecido, preservado e considerado enquanto tal. É preciso saber e perceber isso!

Trata-se de uma questão séria, que não pode ser modificada, ainda que cubrais toda a Europa de sinagogas.

A confiança no progresso

O progresso é o sonho do século XIX, do mesmo modo como a ressurreição dos mortos era o do século X. Toda época tem o seu sonho. Quando este século tiver exaurido seus celeiros e os do passado e acumulado ciências e riquezas, parecerá o homem menor, se comparado a tal acúmulo? *Misérables parvenus...*

Congressos de filósofos

São uma *contradictio in adjecto*, já que raramente se encontram no mundo dois filósofos ao mesmo tempo e quase nunca em grande número.

A consciência como tribunal

Kant institui no íntimo de nossa alma um tribunal completo, com processo, juiz, acusadores, advogados e sentença. Se tudo se passasse dentro de nós exatamente como Kant representa, seria de admirar que ainda pudesse existir um homem, nem digo tão

ruim, mas tão *estúpido* a ponto de agir contra a consciência. Pois uma instituição sobrenatural tão característica como essa na nossa consciência e um tribunal de exceção dissimulado como esse na escuridão misteriosa do nosso íntimo por certo aterrorizariam todos nós e nos incutiriam um medo de demônios realmente capaz de nos demover da intenção de obter vantagens breves e passageiras, em vista da proibição e das ameaças de poderes sobrenaturais e assustadores, que se manifestariam de maneira tão clara e próxima. Em vez disso, na realidade constatamos que a eficácia da consciência é, de modo geral, tão fraca, que todos os povos já pensaram seriamente em auxiliá-la por meio da religião positiva, ou até mesmo em substituí-la por esta.

A cremação de viúvas

É sem dúvida revoltante que as viúvas queiram ser cremadas com seu marido, mas é igualmente revoltante que dilapidem com seu amante o patrimônio adquirido pelo primeiro depois de uma vida inteira de dedicação contínua, durante a qual seu consolo era o de estar trabalhando para os filhos.

O cristianismo e o tratamento que dispensa aos animais

Outro erro fundamental do cristianismo [...], absolutamente inexplicável e que manifesta diariamente suas terríveis conseqüências, é o fato de ele, contra a natureza, ter arrancado o homem do *mundo animal* ao qual pertence em essência e ter dado valor apenas a ele, considerando os animais até mesmo como *coisas* [...]. O referido erro fundamental é, porém, a conseqüência da criação que parte do nada, segundo a qual o Criador (cap. 1 e 9 da Gênese) entrega ao homem todos os animais — como se estes fossem coisas e sem nenhuma recomendação de bons tratos, como faz o vendedor de cães quando se separa dos seus filhotes — para que ele os *domine*, ou seja, faça com eles o que bem entender; em seguida, no segundo capítulo, o criador eleva o homem ao grau de primeiro professor de zoologia, encarregando-o de escolher os nomes que os animais teriam de carregar para sempre, o que novamente constitui apenas um símbolo da sua total dependência do homem, em outras palavras, a privação de seus direitos. Sagrada Ganga! Mãe de nossa espécie!

Um anúncio do tão benemérito Círculo de Munique para a proteção dos animais, com data de 27 de novembro de 1852, empenha-se com a melhor das intenções para citar da Bíblia "os preceitos que pregam a consideração pelos animais" e menciona os seguintes trechos: *Provérbios de Salomão* 12, 10; *Eclesiástico* 7, 24; *Salmos* 147, 9; 104,

14; Jó 39, 41; *Mateus 10*, 29. Mas tudo isso não passa de uma *pia fraus* que conta com o fato de que ninguém irá procurar tais passagens na Bíblia: apenas a primeira, bastante conhecida, diz algo a respeito, ainda que tenuamente. As restantes certamente falam dos animais, mas não da consideração por eles. E o que diz o primeiro versículo? "O justo sente compaixão pelo próprio rebanho." — "Compaixão!" — Que expressão! Tem-se compaixão de um pecador, de um malfeitor, não de um animal inocente e fiel, que freqüentemente provê o ali-mento do seu dono e não recebe nada em troca a não ser uma forragem escassa. "Compaixão!" Não compaixão, mas justiça é o que se deve aos animais.

Críticos anônimos

O crítico anônimo é um sujeito que *não quer responder* por aquilo que relata e cala respectiva-mente sobre os outros e os trabalhos destes a respeito do mundo; portanto, é alguém que não se apresenta.

Deve ser visto desde o princípio como um trapaceiro que tem como objetivo nos enganar. Os críticos que instintivamente têm consciência desse fato assinam seu nome em todas as revistas de literatura *honestas*.

Nos ataques, o senhor Anônimo é, sem dúvida, o senhor Patife.

Sendo assim, antes de mais nada, todo escudo de toda velhacaria literária, o *anonimato*, deveria ser eliminado. Nas revistas de literatura, o anonimato foi introduzido com o pretexto de que deveria proteger o crítico honesto, o admoestador do público, do rancor do autor e dos seus protetores. No entanto, contra um caso dessa espécie haverá cem em que o anonimato serve apenas para eximir de qualquer responsabilidade aquele que não é capaz de responder pelo que diz, ou até mesmo para acobertar a ignonímia daquele que é corruptível e infame o suficiente para recomendar ao público um livro ruim em troca de uma gorjeta do editor. Freqüentemente também serve apenas para ocultar a obscuridade, a insignificância e a incompetência daquele que é julgado. É incrível a impertinência de certos rapazes, que não se intimidam diante de certas trapaças literárias quando sabem que estão sob a sombra do anonimato. Do mesmo modo como existem medica-mentos universais, há também uma espécie de *anticrítica universal* contra todas as críticas anônimas; pouco importa se elogiaram o ruim ou censuraram o belo: "Identifique-se, velhaco!" Pois re-correr a disfarces para atacar pessoas que andam com o rosto descoberto não é ação digna de um homem honesto:

isso é para meninos e patifes. Portanto: "Velhaco, *identifique-se!*" [...] Por acaso seria tolerável um homem mascarado discursar enfadonhamente para o povo ou querer falar diante de uma assembléia? E como seria então se, além de discursar, começasse a atacar outras pessoas e as cobrisse de vitupérios? Não seria imediatamente posto para correr por pontapés alheios?

Quem escreve e polemiza anonimamente tem *eo ipso* contra si a pressuposição de que engana o público ou de que quer testar a honra alheia sem correr riscos. Por isso, toda vez que alguém se re-fere a um crítico anônimo, ainda que de modo corriqueiro e sem repreensão, deveria utilizar somente epítetos como "o velhaco covarde fulano de tal" ou "o patife anônimo e disfarçado naquela revista" e assim por diante. Este é, de fato, o tom decente e adequado para falar de tais sujeitos, para que eles percam o gosto pelo ofício.

Um gênero de impertinência particularmente ridículo desses críticos anônimos é que eles, como os reis, usam o *nós* para falar, quando, na verdade, deveriam empregar não apenas o singular, mas também o diminutivo, ou melhor, o humiliativo, dizendo por exemplo "minha deplorável insignificância, minha astúcia covarde, minha incompetência velada, meu ludíbrio mesquinho" etc. É assim que devem falar os trapaceiros disfarçados, semelhantes aos licranços que sibilam do buraco escuro de um "jornalzinho literário qualquer" e que de uma vez por todas devem ser impedidos de exercer tal ofício.

No que me concerne, eu dirigiria uma casa de jogo ou um bordel com a mesma satisfação que um covil de críticos anônimos.

Críticos literários

Há críticos que acham que podem estabelecer o que é bom e o que é ruim; com efeito, acreditam que seu trompete de brinquedo seja o trombone da fama.

D

As "damas"

A mulher no Ocidente, a saber, aquilo que chamamos de "dama", encontra-se numa *fausse position*: pois a mulher, nomeada com razão pelos antigos de *sexus sequior*, não é de modo algum adequada para ser objeto de nosso respeito e de nossa veneração, para manter a cabeça mais erguida que o homem e para ter os mesmos direitos. As conseqüências dessa *fausse position* são suficientemente visíveis. Seria, portanto, desejável que também na Europa se indicasse novamente a esse número 2 do gênero humano o lugar que ele merece por natureza, e que se impusesse um limite a essa inconveniência das damas, da qual não apenas toda a Ásia ri, mas também devem ter rido a Grécia e Roma: cessar tais disparates traria conseqüências incalculavelmente benéficas do ponto de vista social, civil e político. [...] A verdadeira "dama" européia é um ser que não deveria sequer existir; em vez dela, deveria haver donas de casa e moças que esperassem tornar-se como as primeiras, e portanto que não fossem educadas para a arrogância, mas sim para a vida doméstica e para a submissão.

Decorar

Geralmente as crianças já apresentam a funesta tendência a se contentar com as palavras e a decorá-las como eventual auxílio em vez de compreender as coisas. Essa tendência permanece posteriormente e faz com que a sabedoria de muitos eruditos não passe de uma quinquilharia feita de palavras.

Demagogos da atualidade

Por toda parte e em todas as épocas houve muita insatisfação com os governos, as leis e as instituições públicas; em grande parte, porém, porque há sempre alguém pronto a imputar a estes a miséria, que é inseparável da existência humana, uma vez que — evoquemos o mito — é a maldição que atingiu Adão, e com ele toda a espécie humana.

No entanto, nunca essa falsa ilusão foi adotada de maneira tão mentirosa e atrevida como pelos demagogos da "atualidade". Estes, enquanto inimigos do cristianismo, são otimistas: o mundo é para eles um "fim em si mesmo" e, portanto, na sua essência, ou seja, segundo sua constituição natural, é organizado com a máxima excelência, a verdadeira sede da felicidade. Eles atribuem inteiramente aos governos os males colossais do mundo, que clamam contra tudo isso: se os governos de fato cumprissem seu dever, o céu seria na terra, ou seja, todos poderiam comer, beber, propagar-se e morrer sem esforço nem dificuldades, pois esta é a paráfrase do seu "fim em si mesmo" e o objetivo do "progresso infinito da humanidade", que eles não se cansam de proferir com frases pomposas.

O desejo sexual

O desejo sexual, sobretudo quando se concentra na paixão, fixando-se numa determinada mulher, é a quintessência de todas as fraudes desse nobre mundo; isso porque promete indizivelmente, infinitamente e extraordinariamente muito e cumpre miseravelmente pouco.

Destino

A "luta do homem contra o destino" [...] é um conceito ridículo, pois implicaria uma luta contra um inimigo invisível, um guerreiro por trás de um manto, contra o qual todo golpe cairia no vazio e nos braços do qual nos jogaríamos ao quisermos evitá-lo, como ocorreu com Laio e Édipo. Além disso, o destino é onipotente e, portanto, lutar contra ele seria o mais ridículo de todos os atrevimentos.

Deus como criador do mundo

Se um deus fez este mundo, eu é que não gostaria de ser este deus: a miséria aqui presente despedaçaria meu coração.

Deus como objeto da filosofia

Na filosofia moderna, Deus representa o mesmo que os últimos reis francos entre os *majores domus*, um nome vazio, que se mantém para poder viver de maneira mais cômoda e sem contestações.

Deus como pessoa

Quando se estuda o *budismo* desde as suas origens, ilumina-se a mente; nele não existe aquele discurso estúpido do mundo criado a partir do nada, nem do sujeito inesperado que o criou. Que horror essa sujeira toda!

Deus e nossos filósofos trocistas

Nossos *filósofos trocistas* presumem conhecer *Deus* e explicam o mundo a partir dele. Com isso, acham que realizaram alguma coisa, enquanto o referido, tanto em relação à sua *existentia* quanto em relação à sua *essentia*, é inteiramente = x, ou seja, uma mera palavra.

A dignidade do homem

Essa expressão "dignidade do homem", proferida certa vez por Kant, tornou-se em seguida o santo-e-senha de todos os moralistas desorientados e sem idéias, que escondem sua falta de um fundamento verdadeiro da moral, ou que tenha pelo menos algo a dizer, por trás da imponente expressão "dignidade do homem", contando prudentemente com o fato de que seu leitor também se identificará de bom grado com essa dignidade e, por conseguinte, ficará satisfeito.

Direito hereditário

O fato de a propriedade, adquirida com tanta dificuldade pelos homens e à custa de muito trabalho e empenho continuado, ir parar mais tarde nas mãos das mulheres que, com sua insensatez, em pouco tempo a desperdiçam ou dilapidam, é um absurdo tão grande quanto freqüente e que deveria ser evitado com a imposição de limites ao direito hereditário das mulheres.

E

Época

Quando procuramos estimular nossa inteligência e nosso conhecimento, sentimos constante-mente a resistência da época como um peso que devemos arrastar, mas que, apesar de todo o nosso esforço, insiste em se manter no chão. Depois precisamos nos resignar com a certeza de que, a despeito dos preconceitos contra nós, temos a verdade ao nosso lado, e esta, tão logo seja alcançada por seu aliado, o tempo, tem como certa a vitória, que pode não vir no mesmo dia, mas não deixará de vir no seguinte.

Minha época e eu não fomos feitos um para o outro: quanto a isso, não há dúvida. Mas qual de nós vencerá o processo diante do tribunal dos pósteros?

Erudição

A erudição me parece comparável a uma couraça pesada, que de fato faz com que o homem forte seja invencível, mas constitui um peso para o fraco, que sucumbe totalmente a ele.

O erudito

A *peruca* é o símbolo bem escolhido do erudito puro enquanto tal. Ela orna sua cabeça com uma massa abundante de cabelos alheios, na falta dos próprios; do mesmo modo, a erudição consiste em equipar a mente com uma grande quantidade de pensamentos alheios que, todavia, não a vestem com a mesma perfeição e naturalidade, nem são tão úteis em todos os casos e adequados a todos os objetivos, tampouco se enraízam com firmeza e, quando consumidos, também não podem ser imediatamente substituídos por outros da mesma origem, como ocorre com os nascidos do próprio terreno.

Para aquele que estuda com o objetivo de alcançar a *inteligência*, os livros e os

estudos são meros degraus da escada que ele sobe até o topo do conhecimento: tão logo um degrau o eleva em um passo, ele o deixa para trás. Em contrapartida, os muitos que estudam para preencher a memória não utilizam os degraus da escada para subir, mas os retiram e os carregam para levá-los consigo, alegres pelo peso crescente da carga. Permanecem eternamente em posição inferior, pois carregam o que deveria tê-los carregado.

O erudito alemão

O erudito alemão é também pobre demais para poder ser honesto e honroso. Sendo assim, fazem parte da sua conduta e do seu método mudar de assunto, encontrar subterfúgios, concordar com suas próprias convicções ou negá-las, rastejar-se, adular, tomar partido e travar camaradagem, respeitar ministros, pessoas importantes, colegas, estudantes, livreiros, críticos, em suma, tudo menos a verdade e o mérito alheio. Com isso, na maioria das vezes ele se torna um patife educado.

O erudito simples

O verdadeiro erudito simples, por exemplo um catedrático de Göttingen, vê o gênio como vemos a lebre, que somente depois de morta pode ser preparada e comida; portanto, é alguém em quem, enquanto vivo, deve-se atirar.

Escravocratas e comerciantes de escravos

Aqueles demônios com aspecto humano, os escravocratas e comerciantes de escravos nos estados livres da América do Norte (que deveriam ser chamados de estados escravistas), são, em regra, anglicanos ortodoxos e devotos, que considerariam um grave pecado trabalhar aos domingos e que, contando com sua obediência e com sua ida assídua à igreja, entre outras coisas, esperam a salvação eterna.

A escrita

A pena representa para o pensamento o que a bengala representa para a caminhada; mas o passo mais ágil é o que se dá sem bengala, e o pensamento mais perfeito, o que se completa sem a pena. Somente quando começamos a envelhecer é que nos servimos de bom grado da bengala e da pena.

Escritores

Os escritores podem ser classificados como estrelas cadentes, planetas e estrelas fixas. As primeiras produzem surpresas momentâneas: olhamos para cima, exclamamos "olha lá!", e elas desaparecem para sempre. As segundas, ou seja, estrelas que erram e vagam pelo céu, têm mais consistência. Brilham com mais intensidade do que as fixas, embora isso se dê apenas por causa de sua proximidade, e são confundidas com as últimas pelos leigos. Entretanto, os planetas também precisam desocupar logo seu lugar; além disso, recebem luz emprestada e possuem uma esfera de ação limitada aos companheiros de órbita (os contemporâneos). Deslocam-se e alternam-se continuamente: sua órbita não dura mais do que alguns poucos anos. Apenas as terceiras não mudam. Permanecem fixas no firmamento, possuem luz própria e atuam em todas as épocas, uma vez que seu aspecto não se altera com a mudança do nosso ponto de vista e não possuem paralaxe. Não pertencem, como as outras, a um *único sistema* (nação), mas ao mundo. No entanto, devido à altura da sua posição, na maioria das vezes sua luz precisa de muitos anos para se tornar visível a um habitante da Terra.

Escritores de filosofia

A primeira regra, e talvez a única, do bom estilo *é que se tenha algo a dizer*: oh, com ela se vai longe! E, no entanto, os escritores de filosofia e os escritores alemães em geral, acostumados à reflexão, distinguem-se justamente por descuidar dessa regra, especialmente a partir de Fichte. Em todos eles é importante notar que *parecem* querer dizer alguma coisa, mas na verdade não têm nada a dizer.

A característica genérica dos escritos *filosóficos* deste século é que foram escritos sem que digam realmente alguma coisa: tal característica é comum a todos e, portanto, pode ser estudada do mesmo modo em Salat, em Hegel, em Herbart e em Schleiermacher. Segundo o método homeopático, o mínimo insignificante de um pensamento é diluído numa torrente de palavras que preenche cinquenta páginas, e tal prolixidade continua página após página, com uma confiança ilimitada na paciência realmente germânica do leitor. Em vão a inteligência condenada a essa leitura espera por pensamentos autênticos, sólidos e substanciais: ela suspira, sim, suspira por algum pensamento, como o viajante que almeja água no deserto da Arábia — e terá de morrer de sede.

Escritores medíocres

Essas mentes medíocres simplesmente não conseguem se decidir a escrever como pensam, pois acham que depois o resultado poderia adquirir uma aparência muito simplória. [...] Desse modo, apresentam o que têm a dizer com construções forçadas e difíceis, neologismos e períodos extensos, que circundam o pensamento e acabam por ocultá-lo. Oscilam entre o esforço para comunicá-lo e aquele para escondê-lo. Querem guarnecer o texto de modo que ele adquira uma aparência erudita ou profunda, para que as pessoas pensem que ele contém muito mais do que se consegue perceber no momento da leitura. Sendo assim, esboçam partes do seu pensamento em expressões curtas, ambíguas e paradoxais, que parecem significar muito mais do que dizem (exemplos excelentes desse gênero encontram-se nas obras de Schelling sobre a filosofia da natureza); logo voltam a apresentar seus pensamentos com uma torrente de palavras e uma verbosidade in-suportável, como se fossem necessárias sabe-se lá quais medidas para tornar compreensível seu sentido profundo, enquanto, na verdade, trata-se de uma idéia bastante simples, para não dizer até trivial (Fichte, em seus escritos populares, e centenas de imbecis miseráveis que não merecem ser nomeados, em seus manuais filosóficos, oferecem exemplos em abundância).

Escritores negligentes

Quem escreve com negligência acaba confessando que não valoriza muito seus próprios pensamentos.

Se é uma impertinência interromper os outros, não é impertinência menor interromper a si mesmo, como ocorre nas frases construídas há alguns anos por todos os escrevinhadores ruins, negligentes, apressados e preocupados apenas em garantir o próprio sustento, que se comprazem em empregá-las ao menos seis vezes em cada página. Essa construção consiste — quando possível, deve-se apresentar o exemplo junto com a regra — em quebrar uma frase para inserir outra dentro dela. Os escrevinhadores a utilizam não apenas por preguiça, mas também por estupidez, uma vez que consideram uma amável *légèreté*, que vivi-fica a exposição.

Muitos escrevem do mesmo modo como os pólipos coralinos se formam: um período vai se acrescentando ao outro até onde Deus quiser.

A língua alemã caiu em total *desordem*: todos servem-se dela, todo escrevinhador vil lança-se sobre ela.

Esposas não, mulheres!

Aos vícios de linguagem, acrescento também o uso cada vez mais genérico da palavra *esposas* [Frauen] em vez de *mulheres* [Weiber], o que novamente empobrece a língua: pois *esposa* significa *uxor*, e *mulher*, *mulier* (as moças ainda não são, mas querem se tornar esposas). [...] As mulheres não querem mais ser chamadas de mulheres, pelas mesmas razões pelas quais os judeus querem ser chamados de israelitas, e os alfaiates de fabricantes de roupas, sem contar os comerciantes, que intitulam seu *comptoir* [balcão] de *bureau* [escritório], e os que preferem *humor* a brincadeira ou piada, justamente porque à *palavra* atribui-se não o que lhe é inerente, mas o que é inerente ao objeto por ela descrito. Não foi a palavra a conferir desdém ao objeto, mas o contrário [...]. No entanto, a língua alemã não pode absolutamente perder uma palavra por causa de um capricho feminino. Sendo assim, não se deve permitir tal absurdo às mulheres e aos seus literatos sem graça, companheiros de mesa de chá.

O Estado e sua origem

Em última análise, a necessidade da existência do Estado baseia-se na reconhecida *injustiça* praticada pelo gênero humano: sem ela, não se poderia pensar num Estado, uma vez que ninguém teria de temer por seus direitos. Bastaria, portanto, que houvesse uma sociedade ligeiramente semelhante a um Estado para combater os ataques de animais selvagens ou se proteger dos maus elementos.

A partir desse ponto de vista, percebe-se clara-mente a obtusidade e a superficialidade dos filosofastros que, com seus discursos pomposos, apresentam o Estado como o objetivo supremo e o apogeu da existência humana, fornecendo-nos assim uma apoteose típica de filisteus.

O Estado ético

O único objetivo do Estado é proteger os indivíduos uns dos outros e todos juntos de inimigos externos. Alguns filosofastros alemães desta época venal gostariam de transformá-lo numa instituição para a educação e a edificação moral: tal intenção esconde, em segundo plano, o objetivo jesuítico de suprimir a liberdade e o desenvolvimento individual de cada um para transformá-lo na simples roda que move a máquina político-religiosa à moda chinesa. No entanto, este é o caminho que em outras ocasiões conduziu às inquisições, aos autos de fé e às guerras religiosas. Pelas palavras

de Frederico, o Grande, "no meu território cada um deve cuidar da própria bem-aventurança conforme desejar", bem se vê que ele nunca quis pisar em seu território. Em contrapartida, vemos ainda hoje e por toda parte (com exceção mais aparente do que real da América do Norte) que o Estado também se preocupa com as necessidades metafísicas dos seus membros.

Os Estados Unidos

Nos Estados Unidos da América do Norte, vemos a tentativa [...] de fazer prevalecer o direito imutável, puro e abstrato. No entanto, o êxito não é atraente: pois, mesmo com toda a prosperidade material do país, encontramos como mentalidade dominante o baixo utilitarismo com sua inevitável companheira, a ignorância, que abriu caminho para o estúpido bigotismo anglicano, a presunção tola, a grosseria brutal, unida à parva veneração pelas mulheres. E ainda há coisas piores na ordem do dia desse país, a saber: a escravização dos negros, que clama aos céus por vingança, e a extrema crueldade praticada contra os escravos; a mais injusta opressão dos negros livres; a *lynch-law*; assassinatos freqüentes e muitas vezes impunes; duelos de uma brutalidade inaudita; às vezes, o escárnio público do direito e das leis, o repúdio a dívidas públicas, a revoltante espoliação política de uma província próxima, em consequência da qual ávidos saques ao rico país vizinho tiveram de ser minimizados por autoridades de alto escalão com mentiras de que todos no território têm conhecimento e escarnecem; uma oclocracia em contínuo crescimento e, por fim, a influência corruptora que a referida negação da legalidade nas esferas superiores exerce necessariamente na moralidade privada.

Eugenesia

Se fosse possível castrar todos os patifes e trancafiar todas as mulheres tolas num convento, dar às pessoas de caráter nobre um harém inteiro e arranjar homens para as moças de espírito de inteligência, a bem dizer, homens completos, em pouco tempo ressurgiria uma geração que representaria mais do que a era de Péricles.

F

Falsa glória

À glória que surge rapidamente, deve-se acrescentar também a falsa, ou melhor, a glória artificialmente produzida de uma obra, seja por louvor indevido, bons amigos, críticos corrompidos, indicações de superiores e acordos entre inferiores ou pela corretamente suposta incapacidade das massas de julgar. Assemelha-se às bóias, com as quais um corpo pesado consegue flutuar na água. Elas o carregam por mais ou menos tempo, conforme estejam bem cheias e vedadas. No entanto, de todo modo o ar transuda pouco a pouco e o corpo acaba afundando.

Fé

A fé é como o amor: não pode ser obtida pela força.

Fé e saber

A fé e o saber não se dão bem dentro da mesma cabeça: são como o lobo e o cordeiro dentro de uma jaula; e o saber é justamente o lobo, que ameaça devorar seu vizinho.

O saber é feito de uma matéria mais dura do que a fé, de modo que, quando colidem, a última se quebra.

As ferrovias

O maior benefício das ferrovias é o fato de elas pouparem uma existência miserável a milhões de cavalos de tiro.

Fetiche e relíquia

A veneração que a grande massa culta reserva ao gênio é da mesma espécie da que os crentes dedicam aos seus santos, ou seja, degenera facilmente num culto pueril às relíquias. A casa de Petrarca em Arquà, a suposta prisão de Tasso em Ferrara, a casa de Shakespeare em Stratford com sua cadeira, a casa de Goethe em Weimar com sua mobília, o velho chapéu de Kant, bem como os respectivos autógrafos, são fitados com atenção e respeito por muitos que nunca leram suas obras, do mesmo modo como milhares de cristãos veneram as relíquias de um santo cuja vida e doutrina não chegaram a conhecer, e como a religião de milhares de budistas consiste muito mais na veneração a Dahtu (dente sagrado), até mesmo a Dagoba (Stupa), que o encerra, ou ao sagrado Patra (gamela), ou ainda à pegada petrificada, à árvore sagrada que Buda semeou, do que no conhecimento profundo e no exercício fiel da sua sublime doutrina. De fato, tais pessoas não são capazes de outra coisa a não ser ficar boquiabertas.

Fichte

No antigo teatro alemão de marionetes, ao lado do imperador ou de um herói qualquer havia sempre um palhaço*, que repetia, à *sua* maneira e com exagero, tudo o que o herói havia dito ou feito; do mesmo modo, por trás do grande Kant encontra-se o autor da *Wissenschaftslehre* [doutrina da ciência] ou, em palavras mais exatas, a *Wissenschaftsleere* [vazio da ciência]. Este, para realizar com excelência seu plano — que aliás adapta-se e agrada inteiramente ao público filosófico alemão —, provocou rumores por meio de uma mistificação filosófica para em seguida poder justificar seu bem-estar e o dos seus, *superou* Kant em todos os aspectos, surgiu como o seu superlativo vivo e, exagerando as particularidades mais evidentes, conseguiu produzir uma caricatura da filosofia kantiana. Fez o mesmo com a ética. No seu *Sistema da doutrina dos costumes*, encontramos o imperativo categórico desenvolvido num imperativo despótico: o dever absoluto, a razão legisladora e a obrigação interior transformaram-se num *fatum* moral, numa necessidade insondável, que faz com que a humanidade aja rigorosamente segundo determinadas máximas; a julgar por essas medidas morais, tudo isso deve-ria ser muito importante, embora na verdade em parte alguma se consiga entender *o quê*.

Entre essas minúcias, revela-se a verdadeira rudeza filosófica de Fichte, como é de esperar num homem a quem o ensino evidentemente nunca deixou tempo para

* No original: *Hanswurst* (personagem burlesca do teatro alemão no século XVIII). [N.daT.]

aprender.

Fidelidade conjugal — no homem e na mulher

A fidelidade conjugal é artificial no homem e natural na mulher: sendo assim, o adultério cometido pela mulher é muito menos perdoável do que o cometido pelo homem, tanto objetivamente, por causa das conseqüências, quanto subjetivamente, por ser contra a natureza.

O filho de Fichte, o filósofo Immanuel Hermann

Já em Berlim o chamamos simplesmente de *Simplicissimus*.

Filosofar com mente limitada

É penoso ouvir roucos cantarem e ver mancos dançarem; mas saber de mentes limitadas que filosofam é insuportável.

Filosofia como profissão

O caminho que conduz à verdade é íngreme e longo: ninguém consegue percorrê-lo com um cepo nos pés; antes, seriam necessárias asas. Por essa razão, eu seria a favor de que a filosofia cessasse de ser um ofício: a grandeza da sua aspiração não o permite, como de resto os antigos já o tinham percebido. Não é absolutamente necessário que toda universidade mantenha meia dúzia de palradores sem graça para fazer com que os jovens percam o gosto pela filosofia pelo resto de sua vida.

Filosofia e filosofia universitária

Que importância pode ter no mundo minha filosofia ensimesmada, desprovida dos requisitos essenciais, de consideração e de nutrimentos — que guarda para sua estrela polar apenas a verdade nua, não-remunerada, não-familiarizada, muitas vezes perseguida, e que, sem olhar para a direita ou para a esquerda, guia-se justamente por ela — para aquela *alma mater*, a boa e nutriente filosofia universitária que, carregada de centenas de intenções e milhares de considerações, bordeja cautelosamente pelo seu caminho, tendo sempre diante dos olhos o medo do senhor, a vontade do ministério, os cânones da igreja local, os desejos do editor, o consolo dos estudantes, a boa amizade

dos colegas, o andamento da política cotidiana, a tendência momentânea do público e o que mais possa haver? Ou então o que há em comum entre minha busca silenciosa e séria pela verdade e a estridente rixa escolar das cátedras e bancas, cujos motores internos constituem-se sempre de objetivos pessoais? Ao contrário, ambos os tipos de filosofia são radicalmente heterogêneos.

Se não se tratasse de outra coisa que não fosse incentivar a filosofia e avançar pelo caminho da verdade, eu sugeriria como melhor solução que se colocasse um fim no espalhafato praticado nas universidades. Pois estas, com efeito, não são o local apropriado para uma filosofia com intenções sérias e honestas, cujo lugar é pôr uma marionete enfeitada e vestida com suas roupas, que começa a desfilar e a gesticular como um *nervis aliens mobile lignum* rumo boneca de madeira movida por outras pessoas", Horácio, *Saturae*, II, 7, 82].

A filosofia futura

Quem quiser me superar poderá fazê-lo na largura, mas não na profundidade.

A filosofia na cátedra e no congresso

As cátedras públicas cabem apenas às ciências já constituídas e realmente existentes que, para se-rem ensinadas, devem antes ser aprendidas; ou seja, no geral, devem ser retransmitidas do mesmo modo como a tradição em voga as prescreveu no quadro-negro. Isso não significa que as mentes mais capacitadas fiquem impossibilitadas de enriquecê-las, modificá-las e aperfeiçoá-las. No entanto, é um verdadeiro absurdo confiar a professores o ensino de uma ciência que ainda não existe, que ainda não alcançou seu objetivo, que nem mesmo conhece com segurança seu próprio caminho e cuja possibilidade ainda é contestada. Como consequência natural, cada um desses professores acredita que sua tarefa seja criar a ciência que ainda está faltando, sem pensar que tal tarefa cabe apenas à natureza, e não ao Ministério da Educação. Empenham-se então no que conseguem fazer, colocam o quanto antes seu aborto no mundo, dando no pela tão ansiada *sophia*, e certamente não faltará um colega obsequioso disposto a ser seu padrinho de batismo. Em seguida, uma vez que vivem à custa da filosofia, esses senhores tornam-se tão ousados que se autodenominam *filósofos* e pensam, por conseguinte, que a grande palavra decisiva em matéria de filosofia se deva a eles. Aliás, chegam até a anunciar *reuniões entre filósofos* (uma *contradictio in adjecto*, já que raramente se encontram no mundo dois filósofos ao

mesmo tempo e quase nunca em grande número) e a correr em massa para deliberar sobre o bem da filosofia!

Os franceses

As outras partes do mundo têm macacos; a Europa tem *franceses*. É a mesma coisa.

Os franceses e o modo como tratam a língua grega

Os franceses, inclusive as academias, tratam a língua grega de modo vergonhoso: apropriam-se das suas palavras para deformá-las [...], escrevem-nas como um jovem camponês francês as escreveria se tivesse ouvido uma boca estrangeira pronunciá-las. Seria muito gentil da parte dos eruditos franceses se eles ao menos fingissem que entendem grego. No entanto, ver a nobre língua grega estropiada em favor de um jargão tão repugnante como o francês (na verdade, uma corruptela do italiano, elaborada da maneira mais adversa, com as longas e horríveis sílabas finais e a nasal) assemelha-se à cena de uma grande aranha-caranguejeira devorando um colibri ou de um sapo fazendo o mesmo com uma borboleta. Uma vez, pois, que os senhores da academia sempre se tratam por *mon illustre confrère*, hábito que, especialmente de longe, causa um efeito imponente pela luz que refletem um no outro, solicito aos *illustres confrères* que ponderem sobre a questão: ou seja, ou deixam a língua grega em paz e se contentam com seu próprio jargão, ou utilizam as palavras gregas sem estropiá-las.

G

Glória

A glória é o rumor da vida, e a vida é a grande paródia da vontade, ou seja, aquilo que mente mais do que o homem.

As gramáticas grega e latina

Acredito que o aprendizado das gramáticas grega e latina dos seis aos doze anos justifica a obtusidade posterior da maioria dos eruditos.

H

Hegel

Destruidor de papel, de tempo e de mentes.

Não, o que vedes não é uma águia, basta olhar suas orelhas.

Na Alemanha, Hegel, um charlatão repugnante, estúpido e escrevinhador de disparates sem igual, conseguiu ser aclamado como o maior filósofo de todos os tempos, e muitas milhares de pessoas acreditaram rígida e firmemente nisso por vinte anos, inclusive fora da Alemanha, como a Academia Dinamarquesa, que se declarou contra mim para defender a glória dele e quis afirmá-lo como *summus philosophus*.

Se uma associação de jornalistas conjurados para a glorificação do que é ruim, se professores titulares assalariados da hegeliania e livres-docentes lânguidos, que também gostariam de ser titulares, declaram aos quatro ventos — e o fazem com um descaramento incansável e sem precedentes — que aquela cabeça tão comum, mas de incomum charlatão, é o maior filósofo que o mundo já teve, ninguém pode aceitar tal consideração, sobretudo quando a ostentação grosseira desse mísero modo de agir acaba por se revelar até mesmo aos mais ingênuos. Mas, quando se chega ao ponto de uma academia estrangeira querer proteger aquele filosofastro como um *summus philosophus* e até se permitir insultar o homem que, honesta e destemidamente, opõe-se à glória falsa, usurpada, comprada e inventada com a *única* expressão adequada àquele elogio impertinente e àquela imposição do que é falso, ruim e degradante, o caso agrava-se, pois um julgamento tão digno de fé poderia induzir os ignaros a erros grandes e prejudiciais. Sendo assim, é necessário chegar a uma *neutralização*.

O *summus philosophus* da Academia Dinamarquesa também chega ao seguinte silogismo: "Se um bastão, apoiado em seu centro de gravidade, torna-se mais pesado de um lado, penderá para este lado; ora, uma barra de ferro, depois de ser magnetizada, pende para um lado: portanto, tornou-se mais pesada deste lado." Eis uma analogia

digna desse silogismo: "Todos os gansos têm duas pernas. Tu tens duas pernas, portanto és um ganso." Pois, se considerarmos o silogismo de Hegel de forma categórica, teremos: "Tudo o que se torna mais pesado de um lado, pende para este lado: esse bastão magnetizado pende para um lado, portanto tornou-se mais pesado." Essa é a silogística desse *summus philosophus* e reformador da lógica, ao qual infelizmente esqueceram de ensinar que *e meris affirmativis in secunda figura nihil sequitur* [não se pode concluir a segunda figura silogística a partir de premissas afirmativas] .

Além da capacidade de escrever absurdos, o principal expediente desse charlatão era dar-se ares de grande senhor, aproveitando todas as ocasiões para olhar do alto do seu castelo de palavras, com distinção, fastio, desdém e ironia, não apenas as elucubrações filosóficas alheias, mas também toda ciência, seus métodos e tudo o que o intelecto humano alcançou no decorrer dos séculos com perspicácia, esforço e dedicação. Com isso, conseguiu de fato suscitar no público alemão uma alta consideração por sua sabedoria ensimesmada em seu abracadabra.

Hegel como corruptor de jovens

Enquanto outros sofistas, charlatões e obscurantistas falsificaram e arruinaram apenas o *conhecimento*, Hegel destruiu até mesmo o *órgão* do conhecimento, a própria inteligência. Obrigou os induzidos a enfiar nas próprias cabeças, como se se tratasse de um conhecimento racional, uma confusão formada pelos absurdos mais grotescos, um tecido de *contradictionibus in adjeto*, uma verborragia de hospício, e o cérebro desses pobres jovens, que liam tudo isso com uma dedicação crédula e tentavam alcançar a sabedoria suprema, foi desordenado de tal maneira, que permaneceu para sempre incapaz de pensar. Por conseguinte, até hoje é possível vê-los perambular, discorrer no repugnante jargão hegeliano, exaltar o mestre e presumir que frases como "A natureza é a idéia em seu outro" queiram dizer alguma coisa. Com efeito, desorganizar a esse ponto cérebros jovens e frescos é realmente um pecado que não merece perdão nem indulgência.

Hegelianismo

Uma filosofia cuja tese fundamental prega "O ser é o nada" é digna de um hospício. Em qualquer lugar fora da Alemanha é justamente para o hospício que a remeteriam.

Eu teria razão se dissesse que a chamada filosofia desse Hegel é uma gigantesca

mistificação, que transmitirá à posteridade um motivo inesgotável para escarnecer do nosso tempo, uma pseudofilosofia que paralisa todas as forças do espírito, sufoca todo pensamento verdadeiro e faz um mau uso ultrajante da linguagem, para em seu lugar colocar a mais vazia, insensata, insignificante e, como o êxito o confirma, a mais estupidificante mistura de palavras; uma pseudofilosofia que toma como princípio uma idéia absurda e sem funda-mento, prescindindo tanto das causas como dos efeitos, ou seja, que não pode ser comprovada por nada nem comprova ou esclarece alguma coisa; uma pseudofilosofia em que falta inclusive originalidade e que constitui uma mera paródia do realismo escolástico e, ao mesmo tempo, do espinosismo, algo monstruoso que também deve representar o avesso do cristianismo e, por conseguinte

πρόσθε λέων, ὄπιθεν δὲ δράκων, μέσση δὲ
[χίμαιρα

(ora leonis erant, venter capra, cauda draconis)

[A cabeça era de leão, o ventre de cabra, a cauda de dragão.

Homero, *Ilíada*, VI, 181.]

Eu não teria menos razão se dissesse ainda que esse *summus philosophus* da Academia Dinamarquesa escreveu absurdos como nenhum outro mortal antes dele, de modo que quem consegue ler sua obra mais aclamada, a *Fenomenologia do espírito*, sem ter a impressão de estar num hospício é porque já está em um.

Em toda a história da literatura, dos tempos antigos e modernos, não há exemplo de falsa glória que se compare ao da filosofia de Hegel. Nunca e em parte alguma usou-se de impertinência tão revoltante e de tamanha impudência para exaltar a falta de qualidade, o erro e o absurdo mais evidentes, além da insensatez manifesta, cuja exposição chega a despertar repulsa e náusea no mais alto grau, como o fez aquela pseudofilosofia sem nenhum valor, que pretendia ser a máxima sabedoria e a coisa mais esplêndida que o mundo já viu. [...] Por mais de um quarto de século, aquela glória baseada em mentiras foi considerada autêntica, e a *bestia trionfante* prosperou e reinou na república dos eruditos alemães em tal medida, que até mesmo os poucos adversários dessa loucura só ousavam falar do seu miserável autor como um gênio raro e de grande espírito, dirigindo-lhe as mais profundas reverências. No entanto, não se pode deixar de tirar disso tudo as devidas conclusões. Na história da literatura, esse período sempre figurará como uma mancha indelével e ignóbil da nação e da época, além de se tornar motivo de escárnio dos séculos: com razão!

Os hegelianos

Quando um *hegeliano* repentinamente se contra-diz nas suas afirmações, justifica: "Agora o conceito transformou-se no seu contrário."

Vale lembrar também a impudência grosseira com a qual os hegelianos discorrem pormenorizadamente em todos os seus textos, sem cerimônia nem preâmbulos, sobre o chamado "espírito", contando com o fato de que, graças ao seu palavreado confuso, seus leitores podem se impressionar a ponto de não desafiarem o senhor professor com a pergunta: "Espírito? Quem é o rapaz? E de onde o conheceis? Não será ele apenas uma hipóstase arbitrária e cômoda que não chegueis sequer a definir, o que dirá então deduzir ou provar?" Esta seria a linguagem apropriada para tratar tais filosofastros.

Herbart

Acompanhar o raciocínio dos que nunca concordam com nada ou que vestiram sua inteligência pelo avesso, dos quais Herbart é um exemplo, estraga a mente.

História da filosofia

Ler a história da filosofia em geral ou todo tipo de exposição das doutrinas dos filósofos em vez das suas obras originais é como fazer com que outra pessoa mastigue a comida por nós. Alguém leria a história universal se pudesse observar com os próprios olhos os acontecimentos do passado que lhe interessassem?

É possível conhecer de fato os filósofos apenas por meio das suas obras, e de modo algum por relatos de segunda mão [...]. Além disso, a leitura das obras originais de filósofos autênticos exerce urna influência benéfica e estimulante sobre o espírito, uma vez que o coloca em contato direto com uma mente com pensamentos próprios e superiores. Na história da filosofia, ao contrário, o espírito recebe apenas o movimento oferecido pelo curso desajeitado dos pensamentos de um cérebro comum, que prepara as coisas a seu modo.

História da literatura — em couro de porco

Em sua maior parte, a *história da literatura* é o catálogo de um museu de abortos. O álcool em que estes são conservados por mais tempo é o couro de porco com que são encadernados.

O homem e os animais

Do mesmo modo como freqüentemente a inteligência do meu cão e, de vez em quando, sua estupidez me surpreenderam, tive experiência semelhante com o gênero humano. Inúmeras vezes a incapacidade, a total falta de discernimento e a bestialidade deste último me indignaram e me arrancaram o antigo suspiro:

Ilumani generis mater nutrixque profecto stultitia est

[A estultícia é, de fato, a mãe e a ama-de-leite do gênero humano].

O mundo não é uma obra maldita, e os animais não são produtos fabricados para o nosso consumo. [...] Aconselho os fanáticos e os padres a não se contradizerem muito nessa questão: pois, desta vez, não apenas a *verdade*, mas também a *moral* está do nosso lado.

O homem — uma fera domesticada

É preciso ler histórias de crimes e descrições de situações anárquicas para saber do que o homem é realmente capaz no que diz respeito à moral. Esses milhares de indivíduos que, diante dos nossos olhos, empurram desordenadamente uns aos outros no trânsito pacífico devem ser vistos como tantos tigres e lobos, cujos dentes são protegidos por fortes focinheiras.

O homem — uma mácula na natureza

Existe no mundo apenas um ser mentiroso: o *homem*. Todos os outros seres são verdadeiros e sinceros, pois mostram-se abertamente como são e manifestam o que sentem. Uma expressão emblemática ou alegórica dessa diferença fundamental é o fato de que todos os animais andam em seu aspecto natural, o que contribui bastante para a impressão agradável que se tem ao vê-los; especialmente quando se trata de animais livres, tal visão enche meu coração de alegria. Em contrapartida, devido à sua vestimenta, o ser humano tornou-se uma caricatura, um monstro; o simples fato de vê-lo já é algo repugnante, que se destaca até pelo branco de sua pele, não natural a ele, e pelas conseqüências repulsivas da sua alimentação à base de carne, que vai contra a natureza, bem como das bebidas alcoólicas, do tabaco, dos excessos e das doenças. Ele surge como uma mácula na natureza!

O homem — um boneco

Às vezes converso com os homens do mesmo modo como as crianças conversam com seus bonecos: embora ela saiba que o boneco não a compreende, usando de uma ilusão agradável e consciente, consegue divertir-se com a comunicação.

O homem — um mecanismo de relógio

É realmente inacreditável como a vida da maioria dos homens flui de maneira insignificante e fútil, quando vista externamente, e quão apática e sem sentido pode parecer interiormente. As quatro idades da vida que levam à morte são feitas de ânsia e martírio extenuados, além de uma vertigem ilusória, acompanhada por uma série de pensamentos triviais. Assemelham-se ao mecanismo de um relógio, que é colocado em movimento e gira, sem saber por quê. E toda vez que um homem é gerado e nasce, dá-se novamente corda no relógio da vida humana, para então repetir a mesma cantilena pela enésima vez, frase por frase, compasso por compasso, com variações insignificantes.

O homem — um ser egoísta

O motor principal e fundamental no homem, bem como nos animais, é o *egoísmo*, ou seja, o impulso à existência e ao bem-estar. [...] Na verdade, tanto nos animais quanto nos seres humanos, o *egoísmo* chega a ser idêntico, pois em ambos une-se perfeitamente ao seu âmago e à sua essência. Desse modo, todas as ações dos homens e dos animais surgem, em regra, do egoísmo, e a ele também se atribui sempre a tentativa de explicar uma determinada ação. Nas suas ações baseia-se também, em geral, o cálculo de todos os meios pelos quais procura-se dirigir os seres humanos a um objetivo. Por natureza, o *egoísmo* é ilimitado: o homem quer de todo modo conservar sua existência, quer ficar totalmente livre das dores que também incluem a falta e a privação, quer a maior quantidade possível de bem-estar e todo prazer de que for capaz, e chega até mesmo a tentar desenvolver em si mesmo, quando possível, novas capacidades de deleite. Tudo o que se opõe ao ímpeto do seu egoísmo provoca o seu mau humor, a sua ira e o seu ódio: ele tentará aniquilá-lo como a um inimigo. Quer possivelmente desfrutar de tudo e possuir tudo; mas, como isso é impossível, quer, pelo menos, dominar tudo: "Tudo para mim e nada para os outros" é o seu lema. O egoísmo é gigantesco: ele rege o mundo.

O homem — um ser sociável

Num dia frio de inverno, alguns porcos-espinhos resolveram se aglomerar bem próximos uns dos outros para proteger-se do frio com o calor recíproco. No entanto, logo sentiram também os espinhos recíprocos, que os obrigaram a se afastar novamente uns dos outros. Quando então a necessidade de se esquentar voltou a aproximá-los, o segundo mal se repetiu, de modo que ficaram oscilando de um lado para o outro entre os dois sofrimentos, até encontrarem uma distância adequada em que pudessem se manter da melhor forma possível. Sendo assim, a necessidade da sociedade, que nasce do vazio e da monotonia do próprio íntimo, aproxima os homens uns dos outros. No entanto, suas inúmeras características repulsivas e seus erros insuportáveis voltam a afastá-los. A distância intermediária que, por fim, conseguem encontrar e que possibilita uma coexistência está na cortesia e nas boas maneiras. Àquele que não mantém essa distância, diz-se na Inglaterra: *keep your distance!* Com ela, a necessidade de calor recíproco é satisfeita de modo incompleto, porém não se sentem os espinhos alheios. Entretanto, quem possui muito calor in-terno prefere renunciar à sociedade para não provocar nem receber achaques.

O homem — um veneno

Quase sempre, os chamados seres humanos não passam de uma sopa rala com um pouco de arsênico.

Homens e mulheres

Ao dividir a espécie humana em duas partes, a natureza não passou o corte exatamente no meio. Apesar de toda a polaridade, a diferença entre o pólo positivo e o negativo não é apenas qualitativa, mas também quantitativa. Os povos antigos e os orientais também consideraram as mulheres desse modo e, em seguida, reconheceram sua posição adequada muito mais corretamente do que nós, com a nossa galanteria francesa à moda antiga e a tola veneração pelo sexo feminino, flor suprema da estupidez cristã-germânica, que só ser-viu para torná-las tão arrogantes e indelicadas, que às vezes nos fazem recordar os macacos sagrados de Benares. Estes, conscientes de sua santidade e de sua inviolabilidade, permitiam-se tudo.



Idealistas alemães

Entre as desvantagens que a filosofia universitária acrescentou às reais e sérias encontra-se, de maneira muito particular, a repressão da filosofia kantiana, graças às fanfarrônicas dos três alardeadores sofistas: em primeiro lugar, Fichte, depois Schelling, ambos inicialmente não sem talento, mas por fim o grosseiro e repugnante charlatão conhecido pelo nome de Hegel, esse ser pernicioso, que desorganizou e corrompeu por completo as mentes de uma geração inteira.

Igualitarismo

O intelecto não é uma grandeza extensiva, mas intensiva: sendo assim, um único indivíduo pode tranquilamente opor-se a dez mil, e uma assembléia de mil imbecis não faz um único homem inteligente.

No que concerne à aristocracia, a natureza é mais aristocrática do que qualquer sistema de feudos ou castas. Por conseguinte, sua pirâmide parte de uma base muito larga para um ápice bastante pontiagudo. E se o populacho e a gentinha, que não querem suportar nada acima de si mesmo, também conseguissem derrubar todas as outras aristocracias, seria necessário deixá-las sobreviver — e não há que se agradecer por isso: pois estas são, de fato, "uma graça de Deus".

O imperativo categórico — uma almofada para asnos

Já está mais do que na hora de a ética ser, de uma vez por todas, submetida a um sério interrogatório. Há mais de meio século ela repousa naquela cômoda almofada que Kant lhe preparara: o imperativo categórico da razão prática. Nos nossos dias, esse imperativo costuma ser apresentado sob o título menos suntuoso, porém mais fácil e corrente, de "lei moral", sob o qual, após uma ligeira reverência à razão e à experiência,

ele se insinua sem ser visto. Entretanto, uma vez dentro de casa, não cessa de dar ordens e comandos, sem fornecer mais explicações. O fato de Kant, enquanto inventor do imperativo e depois de tê-lo usado para eliminar erros grosseiros, ficar tranqüilo com ele era justo e necessário. Porém, não é nada fácil ter de ver até os asnos rolares na almofada preparada por ele e desde então cada vez mais acolhedora: refiro-me aos compiladores cotidianos de compêndios que, com a confiança serena que acompanha a falta de juízo, presumem ter fundado a ética quando se reportam apenas àquela *lei moral* que, segundo eles, reside na nossa *razão*, e depois quando se estendem tranqüilos sobre aquele tecido de frases prolixas e confusas, com o qual conseguem tornar incompreensíveis as situações mais claras e simples da vida. Ao empreender tal iniciativa, nem chegam a se questionar seriamente se tal *lei moral* também estaria de fato escrita, como um código confortável da moral, na nossa cabeça, no nosso peito ou no nosso coração. Sendo assim, confesso o prazer peculiar que sinto ao tirar da moral aquela larga almofada e declaro com toda franqueza meu propósito de demonstrar que a razão prática e o imperativo categórico de Kant constituem hipóteses totalmente injustificadas, infundadas e inventadas.

Impressores e tipógrafos

A polícia sanitária deveria, em prol dos olhos, controlar o trabalho dos tipógrafos para que os caracteres pequenos tivessem um tamanho mínimo estabelecido, que não pudesse ser ultrapassado.

O indivíduo

De um ponto de vista *geral*, [...] a natureza fala da seguinte forma: "O indivíduo é nada e menos de nada. Diariamente, destruo milhões de indivíduos por diversão e passatempo: abandono seu destino nas mãos do mais temperamental e caprichoso dos meus filhos, o acaso, que faz dele sua presa ao seu bel-prazer. Dou vida a milhões de novos indivíduos todos os dias, sem diminuir em nada minha força criativa, do mesmo modo como a força de um espelho não se esgota pelo número de imagens do sol que, uma após a outra, ele reflete na parede. O indivíduo é nada."

O indo-germânico

Nada sabemos da língua dos antigos germânicos, e me permito supor que esta foi

uma língua completamente diferente da gótica e, portanto, também da nossa: *pelo menos* no que diz respeito à língua, somos *góticos*. No entanto, nada me causa mais indignação do que a expressão "línguas indo-germânicas", ou seja, a língua dos vedas no mesmo nível do que terá sido o jargão daqueles bárbaros grosseiros.

O inferno

Em *sensu proprio*, o dogma torna-se revoltante. Pois, em virtude das penas eternas do inferno, não apenas faz expiar com infindáveis martírios os erros ou até mesmo a falta de fé de uma vida que, na maioria das vezes, não chega aos vinte anos, mas também faz com que essa condenação quase universal constitua na verdade o efeito de um pecado original e, portanto, o resultado inevitável da primeira transgressão do homem. No entanto, de todo modo essa transgressão deveria ter sido prevista por aquele que, em primeiro lugar, não criou os homens melhores do que são, e depois lhes preparou uma armadilha, mesmo sabendo que nela cairiam, uma vez que tudo era obra sua e nada permanecia escondido às suas vistas. Sendo assim, ele teria evocado do nada para a existência um gênero humano fraco e sujeito ao pecado, para depois condená-lo ao martírio infindável. Por fim, há que se acrescentar que Deus, que prescreve a indulgência e o perdão a toda culpa até chegar ao amor pelo inimigo, não manifesta nenhum sentimento semelhante, mas cai em sentimentos opostos; isso porque uma pena, que sucede ao fim das coisas, quando tudo já passou e se concluiu, não pode ter como objetivo nem a melhora, nem a intimidação e, portanto, não passa de uma vingança. Visto por esse ângulo, chega a parecer que, na prática, todo o gênero humano tenha sido destinado e criado expressamente para a tortura e a condenação eternas — a não ser por aquelas poucas exceções que, não se sabe por quê, foram salvas pela escolha divina. Sem levar em conta tais casos, o querido Deus parece ter criado o mundo para que o diabo o carregasse; sendo assim, ele teria feito muito melhor se tivesse deixado de criá-lo.

O Inferno de Dante

Todo o *Inferno* de Dante, a bem da verdade, é uma *apoteose da crueldade* e, como se não bastasse, no penúltimo canto a perda da honra e da consciência é enaltecida.

Os ingleses e a igreja

Queres ver de perto e com os próprios olhos o que a inoculação de fé provoca, observa os ingleses. Vê esta nação que mais do que qualquer outra foi favorecida pela natureza e provida de inteligência, espírito, capacidade de julgamento e firmeza de caráter; vê como se rebaixou muito aquém de todas as outras, tornando-se até mesmo desprezível devido às suas estúpidas superstições clericais, que, entre suas capacidades restantes, surge metodicamente como uma ilusão fixa, uma monomania. E devem-no apenas ao fato de que a educação em seu país encontra-se nas mãos do clero, que se encarrega de inocular-lhes, na sua juventude mais tenra, todos os artigos de fé, para causar-lhes uma espécie de paralisia parcial do cérebro, que por toda a sua vida se manifesta naquele bigotismo idiota, devido ao qual até mesmo pessoas muito inteligentes e argutas se degradam e nos fazem perder a confiança nelas.

Entre cinqüenta ingleses, dificilmente se encontra mais de um que se mostre de acordo quando se fala com o devido desprezo do bigotismo estúpido e degradante da sua nação: o único que concorda costuma ser um homem inteligente.

O instinto sexual

Os caprichos advindos do *instinto sexual* são totalmente análogos aos *fogos fátuos*: enganam do modo mais vivo, mas, se os seguimos, eles nos conduzem a um pântano e desaparecem.

Instituições de ensino

Quem vê as inúmeras e variadas instituições destinadas ao ensino e ao aprendizado, além da grande multidão de alunos e mestres, poderá acreditar que para o gênero humano a compreensão e a verdade são de extrema relevância. Todavia, também nesse caso as aparências enganam. Os mestres ensinam para ganhar dinheiro e não visam à sabedoria, mas aparecer e receber o crédito de seus semelhantes; e os alunos não estudam para adquirir conhecimento e compreensão, mas para poderem falar e atribuir-se prestígio.

J

Jacob Moleschott, o positivista

Finalmente eu também li algo escrito por Moleschott, em *Kreis des Lebens** [...]. Se eu não soubesse que tal obra fora escrita por esse famoso senhor Moleschott, teria acreditado que o autor não seria nem mesmo um estudante, mas um ajudante de barbeiro, que tivesse ouvido falar em anatomia e fisiologia. De tão crassa, ignorante, rudimentar, deselegante, desajeitada e totalmente complicada que é a matéria.

O jargão da falta de idéias

Para esconder a falta de idéias reais, muitos preparam um aparato de palavras longas e compostas, fórmulas intrincadas, períodos infundáveis, expressões novas e enormes. Somando-se tudo, tem-se como resultado um jargão extremamente difícil e aparentemente erudito. No entanto, não conseguem transmitir nada com esse aparato. Deles recebe-se um pensamento, mas não se acrescenta nada ao próprio conhecimento; em vez disso, só resta suspirar: "Consigo ouvir o taramelar do moinho, mas não vejo a farinha"; em outras palavras, chegam a ser demasiado evidentes as idéias pobres, comuns, triviais e rudimentares que se escondem por trás de um discurso tão pomposo.

O jogo de cartas

De modo bastante peculiar, a necessidade de excitar a vontade revela-se na invenção e na preservação do jogo de cartas, que constitui a expressão mais autêntica do lado lastimável da humanidade.

Em todos os países, a principal ocupação da sociedade tornou-se o jogo de cartas: este é a medida do valor dessa sociedade e a falência declarada de todos os pensamentos. Uma vez que tais pessoas não têm pensamentos para trocar, trocam

* *Der Kreislauf des Lebens* (A circulação da vida). [N. da T.]

cartas e buscam tirar florins umas das outras. Ó estirpe miserável!

O jogo de cartas exerce uma influência desmoralizadora. O espírito do jogo consiste, de fato, em usar de todos os métodos, golpes e truques para tirar do parceiro o seu dinheiro. Entretanto, o hábito de proceder de tal forma no jogo enraíza-se, estende-se para a vida prática, de modo que, pouco a pouco, o indivíduo passa a aplicar os mesmos princípios para decidir o que é dele e o que é do outro, e a considerar lícito desfrutar de qualquer vantagem que se tenha em mãos, contanto que seja legalmente permitido.

Jornais

Os jornais são o ponteiro dos segundos no relógio da história. Na maioria das vezes, porém, além de ser fabricado com metais menos nobres do que o dos outros dois ponteiros, raramente funciona de modo correto.

Jornalistas

Uma grande quantidade de escritores ruins vive unicamente da estultice do público, que só quer ler o que foi impresso no mesmo dia: os jornalistas. Sua designação vem bem a calhar! Em alemão, deveriam se chamar "Tagelöhner".*

O exagero de toda espécie é para eles tão essencial quanto para a arte dramática: com efeito, trata-se de extrair o máximo possível de todo incidente. Devido à profissão, todos os jornalistas são também alarmistas: este é o seu modo de se tornarem interessantes. No entanto, mediante tal expediente acabam por se igualar aos cãesinhos que, tão logo percebem algum movimento, põem-se a latir fortemente. Sendo assim, é preciso dar aos seus sinais de alerta apenas a atenção necessária para não prejudicar a própria digestão.

O judaísmo e a falta de direitos dos animais

A suposta falta de direitos dos animais, a ilusão de que nosso comportamento para com eles não tenha valor ético ou de que, como se diz na linguagem daquela moral, não haja deveres para com eles são uma brutalidade e um barbarismo próprio do Ocidente, cuja origem se encontra no judaísmo.

* Diaristas. [N. da T.]

Os judeus

Não podemos nos esquecer de que o povo escolhido por Deus, após ter roubado no Egito, por ordem especial e expressa de Jeová, os recipientes de ouro e prata que seus velhos amigos lhe haviam confiado, empreenderam massacres e saques na "terra prometida". Tendo o assassino Moisés como líder e obedecendo à ordem expressa e sempre repetida do mesmo Jeová de não sentir nenhuma piedade, de cometer os homicídios mais cruéis e exterminar todos os habitantes, inclusive as mulheres e crianças (*Josué*, 10 e 11), seu objetivo era arrancar a terra prometida dos seus legítimos proprietários, uma vez que estes não eram circuncisos e não conheciam Jeová, o que constituía uma razão suficiente para justificar todas as atrocidades cometidas contra eles. Pelos mesmos motivos, a infâmia cometida pelo patriarca Jacó e seus eleitos contra Hemor, o rei de Salem, e seu povo (*Gênese*, 34, 1) nos é contada de maneira gloriosa justamente porque estes últimos eram ateus.

Juízes populares

Em vez de juízes instruídos e experientes, que envelheceram desvendando cotidianamente as artimanhas e os truques dos ladrões, dos assassinos e dos trapaceiros, de tal modo que aprenderam a descobrir seus crimes, sentam agora nos tribunais o compadre alfaiate e o compadre sapateiro que, com sua inteligência habitual, desajeitada, grosseira, inexperiente, tola e que não é capaz nem mesmo de manter uma atenção contínua, tentam descobrir a verdade do tecido enganador da fraude e da aparência enquanto pensam no seu pedaço de pano e no seu couro e desejam voltar para casa. Não possuem a menor idéia da diferença entre verossimilhança e certeza; fazem, antes, uma espécie de *calculus probabilium* em sua mente estulta, com base no qual depois decidem tranqüilamente o que fazer com a vida alheia. [...] Permitir que um júri popular julgue os crimes contra o Estado e seu chefe, bem como os delitos de imprensa, é o mesmo que entregar o ouro ao bandido.

Jung-Stilling

É realmente revoltante que um escritor tão cristão e devoto como Jung-Stilling introduza em suas *Szenen aus dem Geisterreich* [Cenas do reino dos espíritos] (vol. II, cena 1, p. 15) a seguinte comparação: "De repente, o esqueleto se encolheu numa figura de anão indescritivelmente repugnante, como acontece quando se coloca um aranhão sob o fogo de uma lente ustória, e o seu sangue, semelhante ao pus, começa a frigar e a

cozinhar." Esse homem de Deus cometeu, portanto, tal infâmia ou a contemplou como observador tranqüilo — o que, nesse caso, converge para o mesmo; sua dificuldade para perceber o mal chega a ser tanta, que ele nos oferece um relato casual e totalmente desenvolto! Esses são os efeitos do primeiro capítulo da gênese e, em geral, de toda a concepção judaica da natureza. [...] Aos diabos vossa moral ultraperfeita!

K

Kant

Que me permitam agora [...], para animar o discurso, uma comparação engraçada e até mesmo frívola: eu gostaria de contrapor Kant, naquela sua tendência a mistificar a si próprio, a um homem que, num baile de máscaras, tenta seduzir uma mulher durante a noite toda, na ilusão de conquistá-la, até que, finalmente, tal mulher se desmascara e se revela — como sua esposa.

Kant e o direito de mentir

Inferir a ilegitimidade da mentira a partir da *capacidade de falar* própria do homem, como fazem alguns compêndios que seguem Kant, é uma atitude tão trivial, pueril e insípida, que se poderia tentar, só para ironizá-la, jogar-se nos braços do diabo e dizer com Talleyrand: *L'homme a regi la parole pour pouvoir cacher sa pensée* [O homem recebeu a palavra para poder esconder seu pensamento].

Ao se encontrar na casa do pai da moça que corteja e ser indagado sobre o motivo de sua inesperada presença, o indivíduo em questão, se não for tolo, não hesita em dar uma desculpa qualquer.



Leibniz

Pensais como Leibniz que o mundo real é o melhor de todos os mundos possíveis? Quase não conheço o mundo real e não tenho a honra de conhecer os possíveis.

A todas as demonstrações evidentemente sofistas de Leibniz de que este seria o melhor dentre os mundos possíveis pode-se, primeiro e honesta-mente, contrapor a prova de que é o *pior* dos mundos possíveis.

A leitura

Ler significa pensar com a cabeça alheia em vez de pensar com a própria.

O furor que a maioria dos eruditos sente ao ler constitui uma espécie de *fuga vacui* do vazio de pensamentos em sua própria cabeça, que faz força para atrair para dentro de si o que lhe é estranho: para terem pensamentos, precisam aprender nos livros como os corpos inanimados recebem movimento apenas do exterior, enquanto os dotados de pensamento próprio são como os corpos vivos, que se movem por si mesmos.

Em relação à nossa leitura, a arte de *não* ler é extremamente importante. Ela consiste em não aceitar o que o público mais amplo sempre lê, como panfletos políticos ou literários, romances, poesias e similares, que só fazem rumor naquele momento e até atingem muitas edições no seu primeiro e último ano de vida.

Exigir que um indivíduo conserve em sua mente tudo o que já leu é como querer que ele ainda traga dentro de si tudo o que já comeu na vida.

Liberdade

O *liberum arbitrium indifferentiae*, sob o nome de "liberdade moral", é um dos brinquedos preferidos dos professores de filosofia. Que fiquem então com ele, essas

peessoas inteligentes, honestas e sinceras.

A língua francesa

Deve-se prestar atenção ao auge daquela vaidade nacionalista e arrogante dos franceses, que há séculos provê a Europa de motivos para risos: nesse caso, trata-se do seu *non plus ultra*. No ano de 1857, foi publicada a quinta edição de um livro adotado na universidade do país: *Notions élémentaires de grammaire comparée, pour servir à l'étude des trois langues classiques, rédigé sur l'invitation du ministre de l'Instruction publique, par Egger, membre de l'Institut, etc. etc.* [Noções elementares de gramática comparada, para servir ao estudo das três línguas clássicas, redigido por Egger, membro do Instituto, por incumbência do ministro da Educação etc. etc.] . E, na verdade (*credite poster!* [Horácio, *Carmina* II, 19, 2]), a *terceira língua clássica* de que se fala é o *français*. Portanto, esse misérrimo jargão românico, essa péssima mutilação de palavras latinas, essa língua que deveria olhar com profundo respeito para sua irmã mais velha e mais nobre, o italiano, essa língua que tem como peculiaridade exclusiva os repugnantes sons nasais *en, on, un*, bem como o acento soluçante, tão indizivelmente desagradável na última sílaba, enquanto todos os outros idiomas possuem a penúltima longa, que produz um efeito tão delicado e tranquilizador, essa língua, em que não há metro, mas apenas rima, e ainda, na maioria das vezes, em *é* ou *on*, constitui a forma da poesia — essa língua mesquinha é colocada aqui como *langue classique* ao lado da grega e da latina! Invoco toda a Europa para uma vaia geral que humilhe todos esses presunçosos despudorados.

A língua inglesa como argumento contra os otimistas

Como se sabe, as línguas são mais perfeitas quanto mais antigas forem, sobretudo no aspecto gramatical, e vão se tornando gradualmente piores — é o que ocorreu desde o sânscrito antigo até o jargão inglês, esse traje de pensamentos, remendado com farrapos de um tecido heterogêneo. Essa lenta degradação é um argumento preocupante contra as teorias em voga dos nossos otimistas tão prosaicos e sorridentes, que defendem o "aperfeiçoamento constante da humanidade", em prol do qual pretendem deturpar a história deplorável do gênero bípede.

Livros

Segundo Heródoto, Xerxes chorou ao ver seu imenso exército, pensando que, de todos aqueles guerreiros, após cem anos não restaria um único vivo: quem não choraria ao ver um grosso catálogo de livros impressos, se pensasse que, de todos eles, já após dez anos nenhum deles permanecerá vivo.

Lutero como tradutor da Bíblia

A tradução feita por Lutero parece ao mesmo tempo vulgar e devota, freqüentemente também errônea, por vezes talvez proposital, com um tom sempre clerical e edificante.

M

Marco Polo e os grandes viajantes do mundo

As viagens a terras muito distantes e pouco exploradas levam ao seguinte: fica-se famoso por aquilo que se viu, não por aquilo que se pensou.

A massa

A grande multidão possui olhos e ouvidos, mas não muito mais do que isso, menos ainda juízo e memória.

A grande massa pensa muito pouco, porque lhe faltam o tempo e a prática necessários. Porém, assim conserva por muito mais tempo seus erros; por outro lado, não é, como o mundo dos eruditos, um cata-vento comandado pela rosa-dos-ventos, que muda diariamente de opinião. E isso é muito bom: pois imaginar a grande e pesada massa num movimento tão rápido é um pensamento assusta-dor, sobretudo quando se leva em consideração tudo o que poderia arrebatara e derrubar com suas mudanças.

Maturidade — no homem e na mulher

Quanto mais nobre e perfeita for uma coisa, mais tempo demorará para atingir a maturidade. Dificilmente o homem atinge a maturidade da razão e das capacidades intelectuais antes dos vinte e oito anos; já a mulher a alcança aos dezoito, porém, justamente por isso, sua razão é bastante limitada. Sendo assim, as mulheres permanecem crianças a vida inteira, vêem sempre e somente o que lhes é próximo, atêm-se ao presente, tomam a aparência das coisas por sua essência e preferem os pormenores às questões mais importantes.

Os maus-tratos impostos aos animais

O homem aprisiona a ave, que foi feita para voar cruzando meio mundo, num

decímetro cúbico em que ela pouco a pouco morre, languescendo e cantando, pois

Euccello nella gabbia

canta non di piacere ma di rabbia

[O pássaro na gaiola canta não por prazer, mas de raiva].

Como se não bastasse, o homem ainda amarra na corrente seu amigo mais fiel, o cão, que é tão inteligente! Nunca consegui ver um cão sem sentir enorme compaixão por ele e profunda indignação por seu dono, e com satisfação relembro o caso, relatado há alguns anos pelo *Times*, do lorde que mantinha um cachorro grande preso corrente e um dia, ao atravessar o jardim, aproximou-se para acariciá-lo e teve imediatamente o braço dilacerado de cima a baixo — com razão! Com isso, o cão quis lhe dizer: "Você não é meu dono, mas meu demônio, que faz da minha breve existência um verdadeiro inferno." Que isso aconteça a todos os que prendem os cães às correntes.

Medíocres, dos quais o mundo está repleto

O que na verdade falta aos desagradáveis medíocres, dos quais o mundo está repleto, são duas capacidades bastante familiares, ou seja, a de julgar e a de ter idéias próprias.

A memória

A memória é um ser caprichoso e bizarro, comparável a uma jovem: às vezes rejeita, de modo totalmente inesperado, o que deu em cem casos, e depois, quando não se está mais pensando no assunto, manifesta-se espontaneamente.

Mentiras

Do mesmo modo como nosso corpo é coberto por roupas, nosso espírito é coberto por *mentiras*. Nosso discurso, nossa ação, todo o nosso ser é mentiroso: e somente olhando através desse invólucro é possível, vez por outra, descobrir nossos sentimentos, assim como através das roupas se descobre a forma do corpo.

Metafísica alemã

Na Inglaterra, quando se quer descrever alguma coisa como sendo muito obscura ou

até mesmo totalmente incompreensível, diz-se: *It is like German metaphysics*.

A metafísica dos filósofos catedráticos

Para os filósofos catedráticos, o verdadeiro tema essencial da metafísica é a discussão da relação entre Deus e o mundo: seus debates mais amplos preenchem seus manuais de ensino. Eles se sentem predestinados e pagos sobretudo para esclarecer essa questão, e chega a ser divertido ver com que precocidade e erudição falam do absoluto, ou de Deus, comportando-se com grande seriedade, como se de fato soubessem alguma coisa a respeito. Fazem lembrar a seriedade com que as crianças brincam. Toda vez que se inaugura uma feira do livro surge uma nova metafísica, que consiste num relato extenso sobre o bom Deus e explica qual é realmente a sua situação e como ele conseguiu fazer ou gerar o mundo, ou então produzi-lo de alguma outra forma, de modo que esses filósofos parecem receber a cada seis meses as últimas notícias sobre ele.

Moças de vida fácil

As moças de vida fácil levam uma vida triste e infame; porém, dadas as circunstâncias [monogâmicas], são necessárias e, portanto, representam uma categoria publicamente reconhecida, com o objetivo específico de proteger dos sedutores as mulheres favorecidas pelo destino, que encontraram marido ou podem esperar encontrá-lo.

Moisés

Foi Moisés quem escreveu aquela frase, desde então repetida muitas vezes, de que Deus, após a criação, lançou um olhar ao mundo e achou que estava tudo bem. *παντα καλα*. Ah! O bom e velho Deus certamente não era difícil! [...] Pois bem, com a mão sobre o coração, digei-me se esse *παντα καλα* não vos parece uma brincadeira de mau gosto.

Monges

Um monge autêntico é um ser extremamente venerável: mas, na maioria dos casos, o hábito é apenas um disfarce sob o qual é possível encontrar um verdadeiro monge tanto quanto o seria sob um disfarce.

Monogamia

No que concerne ao relacionamento sexual, nenhum continente é tão imoral quanto a Europa, em consequência da monogamia que vai contra a natureza.

De um ponto de vista racional, não se entende por que um homem, cuja mulher sofre de uma doença crônica, ou permanece estéril, ou simplesmente tornou-se muito velha para ele, não pode ter uma segunda esposa.

Só em Londres existem 80.000 prostitutas. Afinal, o que são estas além de mulheres terrivelmente prejudicadas pela instituição monogâmica, verdadeiras vítimas humanas no altar da monogamia?

Não há razão para *discutir* por causa da *poligamia*, mas é preciso aceitá-la como um fato existente em toda parte, que tem como tarefa ser *regulamentado*. Onde estão os verdadeiros monogâmicos? Todos nós vivemos, *pelo menos* por algum tempo, mas geralmente sempre, em poligamia. Consequentemente, como todo homem precisa de muitas mulheres, nada mais justo do que permitir-lhe, ou até obrigá-lo a manter muitas mulheres. Com isso, a mulher também é reconduzida à sua verdadeira condição natural de ser subordinado, e a *dama*, esse monstro da civilização européia e da estupidez cristã-germânica, com suas exigências ridículas de respeito e veneração, é eliminada do mundo. Assim, haverá apenas *mulheres*, mas não mais *mulheres infelizes*, das quais a Europa está repleta no momento.

Monoteísmo

A intolerância é intrínseca apenas ao monoteísmo: um deus único é, por natureza, um deus ciumento, que não tolera nenhum outro além dele mesmo.

Os monstros sociais da modernidade

Duas coisas principalmente distinguem a situação social da época moderna em relação à da Antiguidade, em detrimento da primeira, uma vez que dão ao nosso tempo uma aparência séria, sombria e sinistra, da qual a Antiguidade, serena e espontânea como a manhã da vida, está livre. São elas: o princípio cavalheiresco da honra e a sífilis. [...] Que esses dois monstros da modernidade encontrem seu fim no século XIX!

Monumentos

Erguer um monumento a quem está vivo significa declarar que não se pode confiar nos seus pósteros.

Moral

Talvez um olhar retrospectivo nos mais de dois mil anos passados na inútil tentativa de encontrar um fundamento sólido para a moral nos leve a pensar que não existe nenhuma moral natural, independente dos preceitos humanos, mas que ela é simplesmente um artefato, um meio inventado para melhor dominar o egoísta e malvado gênero humano.

Mórmons

O que angaria tantos convertidos à seita mórmon parece ser a eliminação da monogamia, que é contrária à natureza.

A mosca

Como símbolo da ousadia e da impertinência, dever-se-ia escolher a mosca. Pois, enquanto todos os animais temem o homem mais do que tudo e voam antes mesmo que este se aproxime, a mosca pousa em seu nariz.

O mosteiro

O *mosteiro* é a união de homens que exaltaram a pobreza, a castidade e a obediência (ou seja, a renúncia à própria vontade) e, por meio do convívio, procuram aliviar em parte a própria existência, mas sobretudo as renúncias difíceis, na medida em que a visão dos que simpatizam com as mesmas causas e renunciam às mesmas coisas reforça sua decisão e os conforta [...]. Esse é o conceito usual dos *mosteiros*. E quem poderá chamar tal grupo de associação de loucos e tolos, como se é obrigado a fazer com base em toda filosofia exceto a minha?

A mulher — o belo sexo?

O sexo de estatura baixa, ombros estreitos, quadril largo e pernas curtas só pôde ser chamado de belo pelo intelecto masculino, obnubilado pelo instinto sexual: e é nesse

instinto que reside toda a beleza feminina.

A mulher -o segundo sexo

As mulheres são *sexus sequior*, o segundo sexo que de *tudo* ponto de vista é inferior ao masculino; sendo assim, sua fraqueza deve ser poupada, mas, por outro lado, atestar veneração por elas ultrapassa o limite do ridículo e nos rebaixa aos seus próprios olhos.

A mulher a ser amada -beleza e idade

A principal consideração que dirige nossa escolha e nossa inclinação é a *idade*. De modo geral, os anos aceitáveis são os compreendidos entre a primeira e a última menstruação; porém, decididamente, damos preferência ao período entre os dezoito e os vinte e oito anos. Para além desses anos, nenhuma mulher nos pode atrair: uma mulher velha, ou seja, que não menstrue mais, causa-nos repugnância. Juventude sem beleza tem sempre o seu encanto, mas beleza sem juventude não tem nenhum.

A mulher com quem casar — melhor rica do que pobre

As mulheres que antes de se casar eram moças pobres muitas vezes são mais exigentes e esbanjadoras do que as que deram ao marido um rico dote. Isso porque a maior parte das moças ricas, em relação às pobres, herdaram não apenas os bens, mas também mais zelo e até mesmo uma certa inclinação para conservar seu patrimônio. [...] De todo modo, eu gostaria de aconselhar aquele que se casa com uma moça pobre que não lhe deixe o capital de herança, mas uma simples renda, e sobretudo que cuide para que o patrimônio dos filhos não termine em suas mãos.

A mulher em geral

Só a visão da figura feminina já ensina que a mulher não se destina a grandes trabalhos, sejam eles intelectuais ou físicos. Ela paga a culpa da vida não com ação, mas com sofrimento, suportando as dores do parto, cuidando dos filhos, submetendo-se ao marido, do qual deve ser uma companheira paciente e serena. Os sofrimentos, as alegrias e as manifestações de força mais impetuosos não lhe são concedidos; ao contrário, sua vida deve ser mais pacata, insignificante e fluir com mais moderação do que a do homem, sem ser mais feliz ou infeliz em sua essência.

A mulher e sua miopia

A razão reside no fato de o homem, ao contrário dos animais, não viver apenas no presente, mas ter consciência e noção do passado e do futuro. Disso derivam sua cautela, sua preocupação e sua angústia freqüente. Em consequência de sua razão debilitada, as mulheres participam menos das vantagens e desvantagens provocadas por tal questão: são, antes, míopes intelectuais, uma vez que sua inteligência intuitiva enxerga bem de perto, porém dispõe de um horizonte estreito, que não comporta grandes distâncias. Justamente por isso, tudo o que é ausente, passado e futuro tem para elas um efeito muito mais fraco do que para nós, o que faz com que a tendência ao desperdício seja muito mais freqüente nelas e às vezes as conduza aos limites da loucura: *δαπανηρα φυσει γυνη* ["A mulher é esbanjadora por natureza", Menandro, *Monostichoi*, 97]. [...] Embora isso tudo inclua muitas desvantagens, possui um lado bom, que é o fato de as mulheres dedicarem-se mais do que nós ao presente, e portanto desfrutá-lo mais, quando este for suportável. Eis o motivo de sua serenidade característica, que elas empregam para ajudar o homem a se recuperar da sobrecarga de preocupações.

A mulher e suas armas naturais

A natureza destinou às jovens o que, em dramaturgia, chama-se efeito teatral, dando-lhes por poucos anos abundante beleza, encanto e corpulência, à custa de todo o resto de sua vida, para que, durante esses anos, elas pudessem se apoderar da fantasia de um homem em tal medida, que ele de alguma forma fosse induzido a ficar honestamente com uma delas para sempre. Ao dar esse passo, o homem parece não ter recebido nenhuma garantia segura e suficiente por parte da mera reflexão racional. Sendo assim, a natureza proviu a mulher, bem como todas as suas criaturas, de armas e instrumentos necessários para a segurança e a duração de sua existência. Também nesse caso a natureza procedeu com sua habitual parcimônia. Do mesmo modo como, por exemplo, as formigas fêmeas, após a cópula, perdem as asas doravante desnecessárias ou até perigosas para a prole, geralmente depois de uma gravidez ou mais a mulher perde a beleza, provavelmente pela mesma razão.

As mulheres, por serem mais frágeis, são levadas pela natureza a fazer uso não da força, mas da astúcia: eis a origem de sua esperteza instintiva e da sua tendência inextirpável à mentira. Pois, assim como a natureza dotou o leão de garras e dentes, o elefante e o javali de presas, o touro de chifres e a sépia da tinta que turva a água,

também dotou a mulher da arte de fingir para proteger-se e defender-se, e toda a força que deu ao homem sob a forma de vigor físico e de razão, dispensou à mulher sob a forma do referido dom. A dissimulação é, portanto, inata à mulher e própria, quase na mesma medida, tanto à estúpida quanto à inteligente. Sendo assim, fazer uso da dissimulação em qualquer ocasião é tão natural para a mulher como o uso imediato das armas o é para aqueles animais durante um ataque; de certo modo, ela tem a sensação de estar dispondo dos seus próprios direitos.

As mulheres e a decadência

As mulheres foram as que mais contribuíram para contaminar o mundo moderno com a lepra que o consome.

As mulheres e a dominação

Reconhece-se que a mulher é destinada, por natureza, a obedecer pelo fato de que todas as que são colocadas numa condição de total independência, contrária à sua natureza, unem-se imediatamente a um homem, pelo qual se deixam guiar e dominar, pois têm necessidade de um dono. Se a mulher for jovem, ele será um amante; se for velha, ele será um confessor.

As mulheres e a inteligência

A falta de inteligência não prejudica as mulheres: ao contrário, a inteligência em demasia ou até mesmo a genialidade poderia causar-lhes o efeito desfavorável de uma anormalidade. É por isso que se vê com frequência um sujeito feio, estúpido e grosseiro ter mais sucesso com as mulheres do que um homem culto, inteligente e amável.

As mulheres e a justiça

As mulheres, que por fraqueza de razão são muito menos capacitadas do que os homens para compreender, memorizar e assumir como norma *Os princípios gerais*, são em regra inferiores aos homens em relação à virtude da justiça e, portanto, também em relação à honestidade e à escrupulosidade. Sendo assim, a injustiça e a falsidade são seus vícios mais comuns, e a mentira, seu elemento característico. [...] A idéia de ver as mulheres exercendo uma função judicial é risível.

Quanto à justiça, à honestidade e à escrupulosidade, as mulheres são inferiores aos homens. Pois, como consequência do seu raciocínio fraco, aquilo que é presente, concreto e imediatamente real exerce um poder sobre elas contra o qual os pensamentos abstratos, as máximas estáveis, as decisões firmes, em geral aquilo que diz respeito ao passado e ao futuro, aquilo que está ausente e distante raramente conseguem se impor.

As mulheres e a política

Não será talvez a influência das mulheres, surgida na França e cada vez mais crescente desde Luís XIII, a responsável pela gradual decadência da corte e do regime, que levou à primeira revolução, da qual mais tarde derivaram todas aquelas agitações?

As mulheres e a solidariedade

Entre os homens há, por natureza, apenas a in-diferença; entre as mulheres, porém, o natural é que haja hostilidade. [...] Só de se encontrarem na rua encaram-se como guelfos e guibelinos.

As mulheres e o dinheiro

As mulheres pensam no seu íntimo que o homem seja destinado a ganhar dinheiro e elas, a gastá-lo; se possível, enquanto o marido ainda é vivo e menos, porém, após sua morte. Só o fato de o homem lhe confiar o dinheiro para as despesas domésticas já reforça essa sua crença.

As mulheres e o patrimônio

Todas as mulheres, com raras exceções, tendem ao desperdício. Por essa razão, todo patrimônio, com exceção dos raros casos em que este foi adquirido por elas próprias, deve ser mantido longe do alcance da sua estultice.

As mulheres e o perjúrio

O perjúrio judiciário torna as mulheres culpadas com muito mais frequência do que os homens. Resta saber se, de modo geral, elas podem ser admitidas para o juramento.

As mulheres e os filhos

Não levei em conta a mulher e os filhos como parte *do que um homem possui*, pois, ao contrário, é ele quem será posse destes.

As mulheres são adequadas para cuidar de nós e nos criar na infância justamente pelo fato de elas próprias serem infantis, tolas e míopes, em uma palavra, por serem eternas crianças grandes: ocupam uma espécie de estágio intermediário entre a criança e o homem, que constitui o verdadeiro ser humano. Basta observar uma jovem, o modo como passa dias inteiros a brincar, dançar e cantar com uma criança, e imaginar o que um homem, na melhor das hipóteses, faria no seu lugar.

As mulheres e seus interesses

As mulheres não apresentam, de fato, inclinação e sensibilidade nem para a música, nem para a poesia, nem para as artes plásticas; quando pretendem mostrar e afirmar tais habilidades, simplesmente imitam visando ao coquetismo. Isso faz com que não sejam capazes de um *interesse puramente objetivo* por alguma coisa, e a razão para tanto, na minha opinião, é a seguinte: o homem aspira em tudo a um domínio *direto* das coisas, seja pela compreensão, seja pelo condicionamento destas. Já a mulher é sempre levada, em toda parte, a contentar-se com um domínio *indireto*, por intermédio do homem, o único que pode dominar diretamente. Por isso, faz parte da natureza da mulher considerar tudo apenas como um meio para conquistar o homem, e seu interesse por outra coisa é sempre e somente um interesse simulado, um mero estratagema, que se reduz ao coquetismo e à imitação. A esse respeito, valem as palavras de Rousseau: *Les femmes, en général, n'aiment aucun art, ne se connoissent à aucun, et n'ont aucun génie* [As mulheres em geral não amam nem entendem nenhuma arte e não têm talento] (*Lettre à d'Alembert*, nota XX). Seja como for, todos os que se encontram acima das aparências já terão percebido tal fato. Basta observar a direção, e a qualidade da sua atenção no concerto, na ópera e no teatro; por exemplo, ver a desenvoltura infantil com que continuam a tagarelar durante as partes mais belas das maiores obras-primas.

As mulheres e sua missão

No fundo, as mulheres são destinadas unicamente à propagação da espécie humana, e nisso se completa sua missão; desse modo, vivem quase sempre mais para a espécie

do que para o indivíduo: defendem com mais seriedade os interesses da primeira do que os do segundo. Isso confere a todo o seu ser e à sua ação uma certa leviandade e, em geral, uma orientação basicamente diferente da do homem, da qual deriva a desarmonia tão freqüente e quase normal no casamento.

As mulheres e sua posição na sociedade

Uma posição errônea do sexo feminino, cujo sintoma mais evidente é o nosso modo de tratar as damas, é um mal fundamental do estado social que, do seu íntimo, não pode deixar de estender sua influência maléfica a todas as partes.

As mulheres e suas produções artísticas

As cabeças mais eminentes de todo o sexo feminino nunca conseguiram produzir uma obra realmente grande, genuína e original nas belas artes, nem conseguiram colocar no mundo nenhuma obra de valor permanente. [...] Exceções particulares e parciais não mudam os fatos.

Mulheres, mentiras e fingimentos

Como a sépia, a mulher gosta de se envolver no fingimento e de nadar na mentira.

Todas as pessoas mentem já desde os tempos de Salomão; porém, naquela época, a mentira era um vício natural ou o capricho de um momento, ainda não era uma necessidade e uma lei, como se tornou sob o reino tão louvado das mulheres.

Talvez seja impossível haver uma mulher totalmente sincera e autêntica. E justamente pelo fato de elas terem tanta facilidade para descobrir o fingimento alheio não é aconselhável tentar fingir com elas.

O mundo

O mundo é a minha representação.

Deve-se dar razão a Aristóteles quando ele diz: "A natureza é demoníaca, não divina", [cf. *De divinatione per somnum* 2, 463 a 1445]. Poderíamos traduzir: "O mundo é o inferno."

Se quiséssemos conduzir o mais obstinado otimista por hospitais, lazaretos e câmaras

de martírio cirúrgicas, por prisões, câmaras de tortura e estábulos de escravos, passando por campos de batalha e tribunais, depois abrir-lhe todas as moradas da miséria, onde esta se esconde dos olhares da fria curiosidade, e por fim fizéssemos com que ele olhasse dentro da torre da fome de Ugolino, certamente ele também acabaria por entender de que tipo é esse *meilleur des mondes possibles*.

O mundo é mesmo *o inferno*, e os homens são, por um lado, as almas atormentadas e, por outro, o demônio que nele habita.

O mundo é o *pior* de todos os mundos possíveis.

Em qualquer parte do mundo, não há que se procurar muito: a necessidade e a dor o preenchem, e em todos os cantos o tédio encontra-se à espera dos que conseguiram escapar de ambas. Além disso, nele impera a maldade, e o dispara-te tem a palavra decisiva.

Para termos sempre à mão uma bússola confiável, que nos oriente na vida, e para reconhecermos esta última sempre sob a luz correta, sem nunca ficarmos em dúvida, nada mais oportuno do que nos acostumarmos a considerar o mundo como um local de expiação, ou seja, uma espécie de instituição penal, *a penal colony* — um εργαστηριον, como já o denominavam os mais antigos filósofos [...] Entre os males de uma instituição penal está também a companhia que se encontra nela. Quem de algum modo for digno de companhia melhor, saberá, mesmo sem eu dizer, que tipo de companhia se encontra no mundo.

Em todos os lugares do mundo, a regra é a canalha.

Por acaso esse mundo foi feito por um deus? Não, antes por um demônio.

Musas

Um homem que pretende viver da benevolência das musas, quero dizer, dos seus próprios dons poéticos, faz-me pensar, de certa maneira, numa moça que vive dos atrativos da sua própria beleza. Ambos profanam, com vistas à aquisição indigna, o que deveria ser o livre dom do seu interior. Ambos sofrem de esgotamento, e ambos terminam, na maioria dos casos, de maneira vergonhosa. Sendo assim, não rebaixai vossa musa à condição de uma prostituta.

N

A nação alemã e a vergonha de pertencer a ela

Para o caso de minha morte, registro aqui a confissão de que desprezo a nação alemã devido à sua estultice excessiva e de que me envergonho de pertencer a ela.

Nacionalismo

Todo pobre-diabo que não tem nada no mundo do que possa se orgulhar escolhe a nação a que pertence como último recurso para sentir orgulho: desse modo, ele se restabelece, sente-se grato e pronto para defender πύξ και λαξ [com unhas e dentes] todos os erros e absurdos próprios dessa nação.

O nascimento

A única felicidade é a de não nascer.

Naturalistas que querem filosofar

Deve-se ensinar a certos pesquisadores naturalistas que o fato de serem zoólogos perfeitos e terem todas as sessenta espécies de macacos amarradas num barbante não os exclui de serem considerados, de modo geral, como pessoas ignorantes do povo, caso, além das duas qualidades mencionadas, não tenham aprendido nada além do seu catecismo. Tal questão tem se tornado freqüente nos dias de hoje. As pessoas arvoram-se em esclarecedores do universo, que aprenderam química ou física, mineralogia, zoologia ou fisiologia, mas nada do mundo em si; dão a essas ciências o único conhecimento que trazem do seu passado, ou seja, o que ainda lembram das lições de catecismo dos tempos de escola; e, se ambos os aprendizados não se adaptam um ao outro, logo tais pessoas se transformam em blasfemadores e, em seguida, materialistas tolos e fúteis. [...] E, de modo geral, pertencem justamente ao povo todos os que, com

um realismo tão ingênuo e pueril, passam o dia estabelecendo dogmas a respeito da alma, de Deus, da gênese do mundo, dos átomos e de assuntos semelhantes, como se a *Crítica da razão pura* tivesse sido escrita na Lua e não houvesse na Terra nenhum exemplar seu: que eles sejam mandados, então, às dependências dos serviçais, para levar sua sabedoria aos homens comuns.

Natureza

Natura é uma expressão correta, porém eufemística: com igual direito, poderia chamar-se *mortura*.

Nossa existência

Não há nada a que nossa existência se assemelhe tão perfeitamente quanto à consequência de um erro e de seu desejo punível.

L'existence est un épisode du néant [A existência é um episódio do nada].

O

Obscurantismo

O obscurantismo é um pecado, talvez não contra o espírito santo, mas certamente contra o humano, o que o torna imperdoável. Por conseguinte, é preciso apontá-lo sempre e por toda parte, sem transigências, àquele que o cometeu, e fazer deste motivo de desprezo em todas as ocasiões enquanto ele viver e até mesmo depois que morrer.

Os obscurantistas

São vistos hoje como pessoas que querem apagar a luz para poder roubar.

A opinião alheia

Na realidade, o valor e a preocupação constante que atribuímos à opinião alheia ultrapassam, em regra, quase todo objetivo ponderado, de modo que ela pode ser vista como uma espécie de mania generalizada ou, antes, inata.

Em tudo o que fazemos ou deixamos de fazer, levamos em consideração a opinião alheia quase antes de qualquer outra coisa, e se fizermos uma análise precisa veremos que dessa preocupação nasce praticamente a metade de todas as aflições e de todos os temores sentidos por nós. Pois a opinião alheia é a origem de todo o nosso amor próprio — muitas vezes magoado por ter uma sensibilidade doentia —, de todas as nossas vaidades e pretensões, bem como de nosso fausto e de nossa presunção.

Ostras e champanhe

O filisteu, indivíduo desprovido de necessidades espirituais, [...] também é desprovido de prazeres espirituais. [...] Não se sente motivado a animar sua existência com inteligência e conhecimento, tampouco com prazeres propriamente estéticos, que se assemelham inteiramente ao primeiro. Não obstante, despachará como uma espécie

de trabalho forçado e do modo mais rápido possível os prazeres que lhe forem impostos pela moda ou pela autoridade. Para ele, os verdadeiros prazeres são apenas os sensoriais: com estes ele se refaz. Por conseguinte, ostras e champanhe são o ápice da sua existência.

Otimismo

A espécie humana é destinada pela natureza à miséria e à decadência; ainda que o Estado e a história eliminassem a injustiça e a necessidade a ponto de permitirem o surgimento de uma vida repleta de deleites, os homens entrariam em conflito por tédio e atacariam uns aos outros, ou então a superpopulação provocaria a fome e esta os exterminaria.

P

Padres

Nossa situação é realmente precária! Ter pouco tempo para viver, com muito trabalho, necessidade, medo e dor, sem nem mesmo saber *de onde vimos, para onde vamos e por que* vivemos, e ainda ter de suportar padres de todas as cores, com suas respectivas revelações a propósito, além de ameaças contra os infiéis.

Pelagianismo

O *pelagianismo* é o esforço de fazer o cristianismo voltar ao judaísmo grosseiro e trivial e ao seu otimismo.

A pele branca

Aproveito a ocasião para manifestar minha opinião de que a cor branca da pele não é natural ao homem, que, por natureza, tem pele negra ou escura, como nossos antepassados, os hindus. Por conseguinte, do seio da natureza nunca surgiu originariamente nenhum homem branco e, portanto, não existe uma raça branca, embora se fale muito a respeito, mas indivíduos que perderam a cor. Impelido ao Norte, que lhe era desconhecido, onde ele apenas subsistiu como as plantas exóticas e, como estas, precisou de uma estufa no inverno, o ser humano foi embranquecendo no decorrer dos milênios.

Pensamentos alheios

Apenas nossos próprios pensamentos contêm verdade e vida; pois apenas nossos próprios pensamentos podem ser compreendidos. Os pensamentos alheios, lidos, não são nenhuma novidade.

A poligamia e as sogras

A *poligamia* teria a vantagem, entre muitas outras, de que o homem não precisaria ter uma ligação muito estreita com sua sogra. O temor a ela é tão grande que chega a impedir inúmeros casamentos. Que haja então dez sogras em vez de uma!

Portas que batem

A tolerância que se costuma ter com barulhos desnecessários, por exemplo com o bater das portas, hábito extremamente inconveniente e vulgar, chega a ser um sinal da obtusidade geral e da falta de idéias. Na Alemanha, as pessoas parecem querer justificar a própria falta de concentração por causa do barulho.

O professor doutor

Apenas por intermédio das universidades, diante de um público de estudantes que aceita fielmente tudo o que o professor doutor tem vontade de dizer, é que o escândalo filosófico desses últimos cinqüenta anos se tornou possível.

Professores de filosofia

Os professores de filosofia fizeram comigo o mesmo que Luís XIV fez com seu irmão gêmeo: impôs-lhe *a máscara de ferro* e o trancou na Bastilha.

O profetismo da razão a partir do espírito da etimologia

Até mesmo o mísero mote segundo o qual o fato de a palavra *Vernunft* [razão] derivar do verbo *vernehmen* [compreender] significa que a razão é uma capacidade de compreender o que é "transcendente" serviu de fase para aquele *profetismo da razão*. A idéia encontrou aprovação ilimitada, foi continuamente repetida na Alemanha durante trinta anos, com suficiência indescritível, e chegou a ser tomada como pedra fundamental de instituições de ensino de filosofia. Não há dúvida de que o termo *razão* deriva realmente do verbo *compreender*, mas isso ocorre somente porque a razão privilegia os homens, e não os animais, com a capacidade de *ouvir* e ainda de *compreender* não o que se passa no reino dos pássaros, mas o que um indivíduo racional diz ao outro: este *compreende* a mensagem do primeiro, e sua capacidade de compreendê-lo chama-se *razão*.

Protestantismo

Ao rejeitar o celibato e a verdadeira ascese em geral, bem como seus representantes, os santos, o protestantismo acabou se transformando num cristianismo indiferente ou, melhor dizendo, rompido, como se lhe faltasse a ponta, e que se reduz gradualmente a nada.

Ao eliminar a ascese e seu ponto central, o valor do celibato, o protestantismo na verdade já renunciou ao núcleo mais interno do cristianismo e, nesse sentido, deve ser considerado como um resto seu. Tal fato tornou-se evidente nos nossos dias com a passagem gradual do protestantismo para um racionalismo trivial, esse pelagianismo moderno, que por fim deságua na doutrina de um pai querido, que fez o mundo para que nele as pessoas pudessem se divertir (o que certamente ele não conseguiu), e que, apenas se nos conformarmos com sua vontade sobre certos aspectos, mais tarde nos providenciará um mundo ainda mais agradável (do qual há que se lamentar apenas um defeito: o de ter uma entrada tão fatal). Esta pode até ser uma boa religião para pastores protestantes abastados, casados e esclarecidos: mas não é nenhum cristianismo.

Q

Químicos que querem filosofar

A tais senhores de cadinho e retorta deve-se ensinar que a mera química habilita farmacêuticos, não filósofos.

R

Racionalistas

Querendo contribuir com a formação e o aperfeiçoamento de seus filhos, uma mãe lhes deu certa vez as fábulas de Esopo para lerem. Mas, logo eles lhe devolveram o livro, o mais velho disse com ares de precocidade: "Isso não é livro para nós! É muito infantil e tolo. Que raposas, lobos e corvos possam falar não nos engana mais: já superamos essas farsas há muito tempo!" Quem não reconhece nesses rapazes promissores os futuros racionalistas iluminados?

Ratos de biblioteca

As pessoas que passaram a vida lendo e alcançaram sua sabedoria com os livros assemelham-se aos que, graças a muitas descrições de viagens, adquiriram o conhecimento de um país. Essas pessoas conseguem transmitir informações sobre muitas coisas, mas, no fundo, não possuem um conhecimento coerente, claro e profundo sobre o caráter de tal país. Em contrapartida, os que passaram a vida pensando, assemelham-se aos que de fato estiveram num determinado país. Somente estes sabem realmente do que se trata, conhecem as coisas em seu contexto e têm de fato familiaridade com elas.

A reforma da língua

Os mediócrs devem permanecer no mesmo trilho de que partiram e não devem tentar melhorar a língua. Ou será que a língua alemã é uma instituição fora da lei, uma insignificância que não merece a proteção jurídica de que goza todo monte de esterco? Pobres filisteus! O que será da língua alemã em todo o mundo [...]?

Reis constitucionais

Os reis constitucionais assemelham-se incontestavelmente aos deuses de Epicuro que, sem se imiscuir nas questões humanas, encontram-se lá em cima no céu, numa felicidade e numa paz inabaláveis.

Religião

A humanidade cresce mais do que a religião, como uma criança que logo perde suas roupas; e não há o que fazer: a roupa rasga.

As religiões são filhas da ignorância, que não conseguem viver por muito mais tempo do que sua mãe.

Nos séculos passados, a religião era como uma floresta atrás da qual os exércitos podiam permanecer e esconder-se. [...] Entretanto, após o corte de tantas árvores, restaram apenas arbustos, atrás dos quais eventualmente se escondem alguns gatunos. Por essa razão, é preciso ficar de sobreaviso contra os que querem interferir em tudo e combatê-los com o provérbio mencionado anteriormente: *Detrás de la cruz está el diablo* [Atrás da cruz encontra-se o diabo].

A república dos eruditos

Na república dos eruditos, as coisas funcionam, de maneira geral, como na República do México, onde cada um pensa apenas no *próprio* lucro, busca obter prestígio e poder, sem se preocupar com a coletividade, que, por conseguinte, termina em ruínas. Exatamente do mesmo modo, na república dos eruditos cada um busca fazer valer apenas a *si mesmo* para ganhar prestígio; a única decisão sobre a qual são unânimes é a de não deixar surgir uma mente de fato eminente, caso ela venha a se apresentar, pois pode ser perigosa para todos ao mesmo tempo. É fácil prever o modo como a totalidade das ciências procede com tal fato.

A revelação

Entre as muitas coisas duras e lastimáveis da sorte humana, não menos importante é aquela pela qual existimos sem saber de onde vimos, para onde vamos e por que vivemos: quem é tomado e penetrado pelo sentimento desse mal não poderá deixar de experimentar uma certa exasperação contra os que dão a entender que possuem

informações especiais a respeito e que pretendem comunicá-las a nós com o nome de revelações. Aos senhores da revelação, eu gostaria de aconselhar que não falem muito sobre o assunto nos dias de hoje; do contrário, alguém ainda lhes poderá re-velar o que realmente significa revelação.

Romantismo

O romantismo é um produto do *cristianismo*: religiosidade exaltada, veneração fantástica da mulher e coragem cavalheiresca, ou seja, Deus, a mulher e a espada — estes são os símbolos do romântico.

Rosas e espinhos

Não há rosas sem espinhos. Mas há muitos espinhos sem rosas.

Rostos — feios e estúpidos

Normalmente, um aspecto melancólico é real (*a sorry sight*). Porém, há indivíduos em cujo rosto encontra-se estampada uma vulgaridade tão ingênua e uma mentalidade tão vil, sem contar uma limitação animalesca do intelecto, que é de admirar como ainda têm coragem de sair às ruas com tal rosto e não preferem usar uma máscara.

O ruído

O ruído é a mais impertinente de todas as interrupções, uma vez que interrompe, ou melhor, quebra até mesmo nossos pensamentos. No entanto, onde não há nada a ser interrompido, certamente ele não chega a incomodar.

S

A sagrada escritura

Não se pode servir a dois senhores: ou se serve à razão, ou à escritura.

Satisfação e prazer

A dor é o elemento *positivo* que se revela por si mesmo: satisfação e prazer são os elementos *negativos*, a mera eliminação do primeiro.

Saxões

Os habitantes da Baixa Saxônia são grosseiros sem serem desajeitados; os da *Alta Saxônia* são desajeitados sem serem grosseiros.

Schelling como filósofo da natureza

Sinto-me como se estivesse assistindo aos jogos de prestidigitação de uma criança: vejo claramente como esconde as bolinhas por baixo do copo, que em seguida deverá me causar espanto por ser justamente o local onde eu as encontro.

Schelling e os schellinguianos

Quem quiser demonstrar *a priori* o que só é possível saber *a posteriori* pela experiência pratica ato de charlatanismo e torna-se ridículo. Schelling e os schellinguianos deram exemplos admoestadores desse erro quando — conforme a expressão muito cortês enunciada por alguém no passado — visaram *a priori* a um objetivo colocado *a posteriori*.

Os sem-talento

Alguém que tenha tido uma desmiolada como mãe e um indolente como pai jamais escreverá uma *Ilíada*; nem mesmo se estudar em seis universidades.

Spinoza

A definição de Spinoza para o amor, por sua exuberante ingenuidade, merece ser mencionada com o objetivo de alegrar os leitores: *Amor est titillatio, concomitante idea causae externae* [O amor é uma comichão que se faz acompanhar pela idéia de uma causa externa] (*Ethica*, IV, prop. 44, dem.).

Os maus-tratos que, segundo Colerus, Spinoza costumava infligir a aranhas e moscas por diversão e com gargalhadas de satisfação correspondem de modo até exemplar aos seus princípios criticados anteriormente, bem como aos capítulos mencionados da *Gênese*. Por todas essas razões, a *Ética* de Spinoza é uma mistura contínua de falsidades e verdades, de coisas dignas de admiração e de outras ruins.

Os sucessores de Kant

Como podem as mentes já corrompidas e distorcidas na fresca juventude pelos disparates hegelianos ainda serem capazes de seguir as investigações profundas de Kant? Desde cedo, habituaram-se a considerar o palavrório mais vazio como pensamentos filosóficos, os sofismas mais miseráveis como perspicácia e o absurdo pueril como dialética. Ao aceitarem combinações extremamente fortes de palavras, com as quais o espírito se martiriza e se exaure em vão para pensar alguma coisa, acabaram se desorganizando. A tais indivíduos não cabe crítica da razão nem filosofia, mas sim uma *medicina mentis* [remédio para a inteligência], inicialmente como um método catártico, por exemplo un *petit cours de senscommunologie* [um pequeno curso de bom senso], e depois é preciso verificar se seu caso realmente trata de filosofia.

T

Tempo

O *tempo* é aquilo que faz com que a cada momento tudo se transforme em nada em nossas mãos, perdendo, portanto, todo o seu valor.

Teologia e filosofia

A teologia e a filosofia são como os dois pratos da balança. Quanto mais um afunda, mais o outro se eleva. Quanto maior for a descrença em nosso tempo, maior é a necessidade de filosofia e metafísica, o que faz com que venham a mim.

Teólogos

O médico vê o homem em toda a sua fraqueza; o jurista, em toda a sua perversidade; o teólogo, em toda a sua estupidez.

Traduções

Toda tradução permanece uma obra morta, e seu estilo é forçado, rígido e não natural: ou então torna-se livre, ou seja, contenta-se com um *a peu près* e, portanto, é falsa. Uma biblioteca de traduções assemelha-se a uma pinacoteca de cópias.

Trapistas

O número dos trapistas oficiais certamente é pequeno; por outro lado, porém, metade da humanidade se compõe de *trapistas involuntários*: pobreza, obediência, privação de todos os prazeres, ou melhor, dos alívios mais necessários. E muitas vezes seu destino também se faz de uma castidade forçada ou determinada pela necessidade.

Turismo

A *vida de nômade*, que caracteriza o grau mais baixo da civilização, reencontra-se no grau mais alto naquela que se tornou, de modo geral, a *vida de turista*. A primeira foi produzida pela *necessidade*, a segunda, pelo *tédio*.

Turistas

Escrevem seus nomes nos lugares interessantes que visitam. É um modo de reagir, de deixar um rastro num local que não deixou nenhum rastro neles.

V

A vaidade — na mulher e no homem

A vaidade das mulheres, ainda que não seja maior que a dos homens, tem a desvantagem de se voltar totalmente para coisas materiais, especialmente para sua beleza pessoal e, portanto, para lantejoulas, roupas de gala e pompa. É por essa razão que os salões também constituem um elemento tão adequado a elas. Sobretudo quando considerados junto com a falta de inteligência das mulheres, os salões fazem com que elas tendam ao *esbanjamento*, o que motivou um antigo a dizer: δαπανηρα φυσει γυνη [A mulher é esbanjadora por natureza", Menandro, *Monostichoi*, 97]. Em contrapartida, a vaidade dos homens volta-se freqüentemente para privilégios não-materiais, como a inteligência, a erudição, a coragem e similares.

A vida

A vida é como uma bola de sabão, que conservamos e soprados tanto quanto for possível, porém com a firme certeza de que ela irá estourar.

A vida oscila, como um pêndulo, de um lado para o outro, entre a dor e o tédio.

A vida da maioria das pessoas é apenas uma luta contínua pela existência, com a certeza da derrota final.

A vida é um mar repleto de rochedos e turbilhões, que o homem evita com a máxima precaução e cautela, embora saiba que, quando consegue se insinuar por eles com todo esforço e arte, justamente por isso acaba se aproximando e até mesmo se dirigindo para o naufrágio maior, total, inevitável e irremediável, a *morte*: esta é o objetivo final da penosa viagem e, para ele, o pior de todos os rochedos dos quais desviou.

A vida de todo ser humano flui inteiramente entre o querer e o conseguir. O desejo, conforme sua natureza, é dor: alcançá-lo significa gerar rapidamente a saciedade. O objetivo era apenas aparente; a posse tira o encanto; o desejo e a necessidade se

reapresentam com um novo aspecto. Quando isso não ocorre, seguem-se a solidão, o vazio e o tédio, contra os quais a luta atormenta tanto quanto contra a miséria.

Quando se observa a vida de cada indivíduo de modo geral, destacando apenas seus traços mais significativos, percebe-se que ela não passa de uma tragédia; porém, se examinada em seus detalhes, tem o caráter da comédia.

A vida se apresenta como um engano contínuo, tanto nas pequenas como nas grandes coisas.

A vida é um mal. A vida é o véu que esconde o ser; é um peso arrastado pela vontade! A vida é a decadência, é o grande pecado original!

A vida se apresenta como uma tarefa, uma programação de trabalho a ser cumprida e, portanto, em regra, como uma luta contínua contra a miséria. Sendo assim, cada um tenta conduzi-la e protegê-la da melhor maneira possível: o indivíduo menospreza a vida como a um trabalho forçado que ele deve exercer para pagar uma dívida. Mas quem contraiu essa dívida? — Seu procriador, no deleite da luxúria. Por conseguinte, para que um tenha prazer, é preciso que outro viva, sofra e morra.

A vida deve ser totalmente considerada como uma *lição severa* que nos é dada, embora não consigamos entender como pudemos chegar ao ponto de precisar dela, tendo em mente formas de pensamento voltadas para objetivos completamente diferentes.

Virgindade

A virgindade é bela não por caracterizar um jejum, mas por caracterizar uma prudência, uma vez que evita as artimanhas da natureza.

Visitantes do zoológico

Não lhes basta observar um animal exótico e raro, mas sentem a necessidade de provocá-lo, escarnecê-lo, de brincar com ele, simplesmente para sentir o efeito da ação e da reação.

Vivisseção

Quando eu estudava em Göttingen, Blumenbach nos falou muito seriamente, no

curso de fisiologia, dos horrores das vivissecções e nos mostrou como estas eram um procedimento cruel e terrível; por essa razão, era preciso recorrer a elas somente em casos muito raros e em pesquisas que realmente tivessem como resultado uma utilidade muito importante e imediata; mais tarde, porém, para que o terrível sacrifício trouxesse os maiores benefícios possíveis à ciência, viria a ser realizado no anfiteatro, na presença de um enorme público e de todos os médicos convidados. Em contrapartida, hoje todo medicastro se crê autorizado a praticar na sua câmara de tortura os mais terríveis atos contra os animais a fim de resolver problemas cuja solução há muito tempo se encontra nos livros, mas que ele não lê por ser preguiçoso e ignorante. Nossos médicos não possuem mais aquela formação clássica de outrora, que lhes conferia uma certa humanidade e um aspecto nobre. Atualmente, procuram entrar o quanto antes na universidade, onde pretendem aprender apenas a aplicar emplastros para depois prosperarem na Terra.

Os biólogos franceses parecem ter sido os primeiros a dar o exemplo nesse âmbito, e os biólogos alemães os emulam ao infligir as penas mais cruéis a animais inocentes, muitas vezes em grande número, a fim de resolver questões meramente teóricas e quase sempre fúteis. Quero agora documentar minhas palavras com alguns exemplos que me indignaram, embora não sejam absolutamente os únicos: ao contrário, poder-se-ia contar centenas de outros semelhantes. O professor Ludwig Fick, de Marburg, relata em seu livro *Über die Ursachen der Knochenformen* [Sobre as causas das formações ósseas] (1857) que extirpou globos oculares de filhotes de animais, a fim de comprovar sua hipótese de que os ossos crescem nos espaços vazios criados pela extirpação!

Merece menção especial a atrocidade que o barão Ernst von Bibra cometeu em Nuremberg e, *tanquam re bene gesta* [como uma boa ação], contou ao público com incompreensível ingenuidade em sua obra *Vergleichende Untersuchungen über das Gehirn des Menschen und der Wirbeltiere* [Pesquisas contrastivas sobre o cérebro humano e o dos animais vertebrados] (Mannheim, 1854, pp. 131 ss.): ele fez com que dois coelhos morressem sistematicamente *de fome*, a fim de descobrir, com sua pesquisa totalmente despropositada e inútil, se os componentes químicos do cérebro sofriam uma alteração proporcional com a morte por fome! Em prol da utilidade da ciência — *n'est-ce pas?* Será que esses senhores de escalpelo e cadinho não suspeitam que, antes de químicos, são seres humanos? Como podem dormir tranquilos, mantendo filhotes inofensivos, ainda amamentados pela mãe, presos em gaiolas para depois fazê-los sofrer uma morte lenta e agonizante por fome? Não acordam com sobressalto? [...]

Já que não pôde ser evitada, a ação cruel de Bibra permaneceu impune? A última coisa que alguém como esse senhor Von Bibra, que ainda tem tanto para aprender com os livros, deveria pensar em fazer seria obter as últimas respostas por meio da crueldade e torturar a natureza para enriquecer o próprio saber: extorquir seus segredos, que talvez já há muito tempo sejam conhecidos. Pois para tal saber existem muitas outras fontes, que são inócuas, sem que seja necessário torturar pobres animais indefesos até a morte. Que mal cometeu o pobre e inofensivo coelho para ser capturado e condenado à pena de morte lenta por fome? Ninguém que ainda não conheça nem saiba tudo o que está contido nos livros sobre a circunstância a ser pesquisada tem o direito de praticar vivissecção.

A vontade

O instinto sexual é o núcleo da vontade de viver e, portanto, a concentração de todo querer; eis por que no texto acabei definindo as genitais como o foco da vontade.

Sumário

Um alfabeto de insolências de Franco Volpi	4
1. O insulto como "extrema ratio"	4
2. Na escola da impertinência	5
3. Repensamentos: "escalada" e inevitável deriva	6
4. Schopenhauer, mestre de insultos	8
5. O presente abecedário	8
Edições de A. Schopenhauer utilizadas	11
A ARTE DE INSULTAR	12
A	13
Abolição da pena de morte	13
Abolição do latim	13
Abreviações	13
A Academia Dinamarquesa e seu objetivo	13
A Academia Dinamarquesa e suas contradições	13
Os alemães — um povo metafísico	14
Os alemães — um povo pesado	14
Amigos	14
Amigos da casa	14
Amor	14
Amor em tempos de epidemia	15
Amor espiritual	15
Amor humano	15
O amor pelos filhos	15
Amor sexual — no homem e na mulher	16
Os aperfeiçoadores do mundo	16
Após o apogeu de Kant	16
Aquisição de livros	18
Astrologia	18
Atores	18

Avidez por conhecimento e curiosidade	19
B	20
Baader	20
A barba	20
As belas cruéis	21
Bem-aventurança	21
Bibliotecas	21
C	22
Os carroceiros que estalam seus chicotes	22
Os cartesianos e a consciência dos animais	23
O casamento	23
Casamento por amor	24
Cátedras	25
Os catedráticos	25
Cavaleiros	25
O centro do universo	25
O cérebro	26
Charutos	26
Os chineses	26
Clio, a musa da ciência histórica	26
Coito e gravidez	26
A comédia do mundo	27
A concepção judaica da natureza	27
A confiança no progresso	27
Congressos de filósofos	27
A consciência como tribunal	27
A cremação de viúvas	28
O cristianismo e o tratamento que dispensa aos animais	28
Críticos anônimos	29
Críticos literários	30
D	31

As "damas"	31
Decorar	31
Demagogos da atualidade	31
O desejo sexual	32
Destino	32
Deus como criador do mundo	32
Deus como objeto da filosofia	32
Deus como pessoa	33
Deus e nossos filósofos trocistas	33
A dignidade do homem	33
Direito hereditário	33
E	34
Época	34
Erudição	34
O erudito	34
O erudito alemão	35
O erudito simples	35
Escravocratas e comerciantes de escravos	35
A escrita	35
Escritores	36
Escritores de filosofia	36
Escritores medíocres	37
Escritores negligentes	37
Esposas não, mulheres!	38
O Estado e sua origem	38
O Estado ético	38
Os Estados Unidos	39
Eugenesia	39
F	40
Falsa glória	40
Fé	40

Fé e saber	40
As ferrovias.....	40
Fetiche e relíquia	41
Fichte.....	41
Fidelidade conjugal — no homem e na mulher	42
O filho de Fichte, o filósofo Immanuel Hermann	42
Filosofar com mente limitada	42
Filosofia como profissão.....	42
Filosofia e filosofia universitária.....	42
A filosofia futura.....	43
A filosofia na cátedra e no congresso	43
Os franceses	44
Os franceses e o modo como tratam a língua grega.....	44
G	45
Glória	45
As gramáticas grega e latina.....	45
H.....	46
Hegel	46
Hegel como corruptor de jovens.....	47
Hegelianismo.....	47
Os hegelianos	49
Herbart	49
História da filosofia	49
História da literatura — em couro de porco	49
O homem e os animais.....	50
O homem — uma fera domesticada	50
O homem — uma mácula na natureza	50
O homem — um boneco	51
O homem — um mecanismo de relógio	51
O homem — um ser egoísta.....	51
O homem — um ser sociável	52

O homem — um veneno	52
Homens e mulheres	52
I	53
Idealistas alemães	53
Igualitarismo.....	53
O imperativo categórico — uma almofada para asnos.....	53
Impressores e tipógrafos.....	54
O indivíduo	54
O indo-germânico.....	54
O inferno	55
O Inferno de Dante.....	55
Os ingleses e a igreja	56
O instinto sexual.....	56
Instituições de ensino.....	56
J	57
Jacob Moleschott, o positivista	57
O jargão da falta de idéias.....	57
O jogo de cartas	57
Jornais	58
Jornalistas.....	58
O judaísmo e a falta de direitos dos animais	58
Os judeus.....	59
Juízes populares	59
Jung-Stilling	59
K	61
Kant	61
Kant e o direito de mentir	61
L.....	62
Leibniz	62
A leitura	62
Liberdade.....	62

A língua francesa	63
A língua inglesa como argumento contra os otimistas	63
Livros	64
Lutero como tradutor da Bíblia	64
M	65
Marco Polo e os grandes viajantes do mundo	65
A massa	65
Maturidade — no homem e na mulher	65
Os maus-tratos impostos aos animais.....	65
Medíocres, dos quais o mundo está repleto.....	66
A memória.....	66
Mentiras	66
Metafísica alemã	66
A metafísica dos filósofos catedráticos	67
Moças de vida fácil	67
Moisés	67
Monges.....	67
Monogamia	68
Monoteísmo	68
Os monstros sociais da modernidade	68
Monumentos.....	69
Moral	69
Mórmons.....	69
A mosca	69
O mosteiro.....	69
A mulher — o belo sexo?	69
A mulher — o segundo sexo	70
A mulher a ser amada — beleza e idade.....	70
A mulher com quem casar — melhor rica do que pobre.....	70
A mulher em geral.....	70
A mulher e sua miopia	71

A mulher e suas armas naturais	71
As mulheres e a decadência	72
As mulheres e a dominação	72
As mulheres e a inteligência.....	72
As mulheres e a justiça.....	72
As mulheres e a política	73
As mulheres e a solidariedade	73
As mulheres e o dinheiro	73
As mulheres e o patrimônio	73
As mulheres e o perjúrio	73
As mulheres e os filhos.....	74
As mulheres e seus interesses.....	74
As mulheres e sua missão	74
As mulheres e sua posição na sociedade	75
As mulheres e suas produções artísticas.....	75
Mulheres, mentiras e fingimentos	75
O mundo.....	75
Musas	76
N.....	77
A nação alemã e a vergonha de pertencer a ela	77
Nacionalismo	77
O nascimento	77
Naturalistas que querem filosofar	77
Natureza	78
Nossa existência	78
O.....	79
Obscurantismo	79
Os obscurantistas	79
A opinião alheia.....	79
Ostras e champanhe	79
Otimismo	80

P	81
Padres.....	81
Pelagianismo	81
A pele branca.....	81
Pensamentos alheios	81
A poligamia e as sogras	82
Portas que batem	82
O professor doutor.....	82
Professores de filosofia	82
O profetismo da razão a partir do espírito da etimologia	82
Protestantismo	83
Q.....	84
Químicos que querem filosofar	84
R	85
Racionalistas.....	85
Ratos de biblioteca	85
A reforma da língua.....	85
Reis constitucionais	86
Religião	86
A república dos eruditos	86
A revelação.....	86
Romantismo	87
Rosas e espinhos	87
Rostos — feios e estúpidos	87
O ruído	87
S	88
A sagrada escritura.....	88
Satisfação e prazer	88
Saxões.....	88
Schelling como filósofo da natureza.....	88
Schelling e os schellinguianos	88

Os sem-talento	89
Spinoza	89
Os sucessores de Kant	89
T	90
Tempo	90
Teologia e filosofia	90
Teólogos	90
Traduções	90
Trapistas	90
Turismo	91
Turistas	91
V	92
A vaidade — na mulher e no homem	92
A vida	92
Virgindade	93
Visitantes do zoológico	93
Vivissecção	93
A vontade	95